

JOSELY TOSTES DE LIMA

**A palavra e a pena: dimensões da militância
anarquista de Fábio Luz. (Rio, 1903/1938).**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

São Paulo – 1995

JOSELY TOSTES DE LIMA

A palavra e a pena: dimensões da militância
anarquista de Fábio Luz. (Rio, 1903/1938).

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em História, sob orientação da Profa.
Dra. Yara Maria Aun Khoury

Comissão Examinadora

RESUMO

Busco recuperar a militância anarquista do médico, escritor e inspetor escolar Fábio Lopes dos Santos Luz (1864-1938). Dimensiono a trajetória de Fábio Luz, um militante do comunismo libertário no Rio de Janeiro, como uma das expressões que assume o movimento anarquista, nas primeiras décadas do século. Ao percorrer os diferentes espaços e momentos nos quais Fábio Luz constrói sua peculiar caminhada de comunista libertário, aponto outros momentos e faces diferentes do que a historiografia do movimento operário consagrou sobre o anarquismo.

AGRADECIMENTOS

A Renato Ramos, do CEL (Círculo de Estudos Libertários RJ), sua contribuição foi inestimável.

Ao Dr. Braulio Furtado Luz, o filho caçula de Fábio Luz, pela atenção e amabilidade com que me recebeu.

Ao Professor Flávio Luizzetto, pelo empréstimo de obras de Fábio Luz, inexistentes nos acervos das Bibliotecas.

A Rafael, colega do Mestrado, por ter conseguido localizar “Hipnotismo e Livre Arbítrio”.

À Professora Yara, pela orientação do trabalho e pelo trabalho de orientação.

À Fundação Educacional do Distrito Federal, cujo programa de concessão de “Licença Remunerada para Estudos” tem permitido a graduação e pós-graduação de um número significativo de professores no DF.

E a todos que na convivência diária partilharam das minhas preocupações e inquietações, oferecendo estímulo e apoio.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
Capítulo I	
Fábio Luz e os caminhos para uma mentalidade anárquica	14
Capítulo II	
Fábio Luz e os caminhos para uma sociedade anárquica	32
Considerações Finais	44
Notas	46
Bibliografia	50

APRESENTAÇÃO

“Não sou exegeta nem teorista da anarquia: sou um convencido da excelência da organização anárquica do futuro”.

Rio, julho de 1919
Fábio Luz

O contato com publicações anarquistas surgidas em meados da década de 1980, foi o ponto de partida para a escolha do movimento anarquista como objeto de reflexão sobre práticas sociais passadas e presentes. Guardadas as devidas diferenças relativas ao contexto histórico, publicações como “O Inimigo do Rei”, “Víbora”, “Utopia”, “Libertárias” e os Boletins do CEL (Círculo de Estudos Libertários) que ainda sobrevive, eram esforços de indivíduos e grupos que faziam lembrar as ações de propaganda, efetivadas pelos militantes anarquistas no começo do século.

Temas como voto nulo, sexualidade, educação libertária, ação direta, poder, autoridade, etc., entremeados a textos de Proudhon, Bakunin, Malatesta e figuras contemporâneas do pensamento libertário, expressavam o caráter de permanente radicalidade das propostas libertárias de organização social e de relacionamento entre os indivíduos, livre de todas as formas de autoridade, dominação e opressão. É uma radicalidade que confere permanente contemporaneidade ao movimento anarquista, na medida em que os anarquistas propõem a ação direta dos indivíduos, excluindo e negando a tradicional política institucional e a lógica partidária.

No passado, estas questões foram colocadas no social por diferentes grupos e pessoas e com variadas formas de expressão. A presença dos anarquistas no Brasil, nas primeiras décadas do século XX ficou registrada na imprensa, nas peças de teatro, nas obras literárias, nos relatos dos militantes, nas propostas educacionais e nos eventos culturais fartamente registrados pela imprensa, tais como as festas de propaganda, os festivais operários, conferências e palestras promovidas pelos centros de cultura, etc. Ficou registrada também pela historiografia, que em determinados momentos privilegiou o movimento operário como espaço e expressão do movimento anarquista, centrando os estudos na corrente anarco-sindicalista.

Em 1992, quando iniciei as atividades do Mestrado em História, recorri ao acervo do Arquivo Edgar Leuenroth, interessada em definir um recorte temático de pesquisa sobre o movimento anarquista do Brasil, mas que desviasse um pouco do âmbito restrito do movimento operário.

O Arquivo Edgard Leuenroth, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, foi criado para abrigar o acervo do militante anarquista de mesmo nome. Transformado em Centro de Pesquisa e Documentação Social com a ampliação do acervo, constitui-se em referência obrigatória para pesquisadores da história social e política do Brasil e em especial para pesquisadores do movimento anarquista. Edgard Leuenroth (1881-1968), era um militante cuja preocupação em preservar a memória do movimento anarquista, tem permitido aos pesquisadores recuperar as mais diferentes facetas do anarquismo no Brasil. Ao criar seu próprio acervo com livros, revistas, jornais, folhetos, panfletos, fotografias, material recolhido ao longo de sua trajetória militante, Leuenroth nos permite refletir no presente sobre um passado que tem herdeiros no presente.

Na perspectiva anarquista, a luta pela liberdade ultrapassa os limites impostos pela cronologia.

Quando da consulta aos jornais anarquistas e outros documentos do Arquivo Edgard Leuenroth, chamaram-me atenção alguns artigos assinados por Fábio Luz, cuja militância me era familiar. Portanto, foi um reencontro com um personagem que já conhecia nos livros de historiadores que se ocuparam do movimento anarquista. Entre eles, cabe citar: “Trabalho urbano e conflito social”, de Bóris Fausto, “Anarquistas e comunistas no Brasil”, de J. Dulles, “Nem Pátria nem Patrão” de Francisco Foot Hardman e a tese “Presença do Anarquismo no Brasil; um estudo dos episódios literários e educacional” de Flávio Luizettoⁱ. Nestes trabalhos, Fábio Luz é apresentado como um burguês intelectual que fazia de sua literatura um veículo de militância e propaganda anarquista. Outro pesquisador em cujos trabalhos a presença de Fábio Luz é constante, é Edgard Rodrigues. Em seus livros são publicados documentos e informações que diferem bastante da opinião dos historiadores e foram incentivadoras na busca de fontes que viabilizassem uma pesquisa mais ampla sobre a atuação de Fábio Luz no movimento anarquista.ⁱⁱ

No decorrer da leitura de uma parcela das fontes, principalmente os romances “Ideólogo” (1903), “Os Emancipados” (1906), as novelas “Nunca” (1924), “Manuscrito de Helena” (1951), os folhetos “A Internacional Negra” (1919), “Nós e os Outros” (1922), artigos publicados na imprensa operária e anarquista do Rio e São Paulo, como por exemplo “Spartacus”, “Revolução Social”, “A Voz do Povo”, “A Plebe” e textos de crítica literária, vislumbrei outros caminhos da difusa militância libertária e literária de Fábio Luz. Sua trajetória, ao mesmo tempo que não se enquadrava e não se comportava nos limites do anarco-sindicalismo, muito presente em sua época, também não se restringirá à escrita de romances e novelas.

Frequêntador assíduo das rodas literárias da Livraria Garnier, Fábio Luz ainda dividia seu tempo de médico e inspetor escolar, em palestras e conferências proferidas nas associações operárias e outras entidades de cunho cultural, como a Academia Carioca de Letras, da qual era membro, e a Sociedade de Geografia. Como escritor e militante, falava para diferentes platéias. Os ouvintes da Academia Carioca de Letras certamente não eram os mesmos dos festivais promovidos pelos jornais “A Plebe” e “Spartacus”. Em suas palestras falava da necessidade de uma revolução social, de “uma sociedade sem governo e sem leis, formada pelo acordo mútuo, baseada na solidariedade humana e na liberdade perfeita”. Os discursos de Fábio Luz, posteriormente publicados, são registros nos quais ficaram plasmadas maneiras como interpretou o mundo e a sociedade em que viveu, os projetos com que sonhou e que ajudou a construir em meio a adversidades.

Nas páginas dos livros que escrevia, Fábio Luz revelava sua utopia, sua rebeldia, fazendo da pena um instrumento de luta contra o que qualificava como os males da sociedade: o Estado, a propriedade e a tuberculose, entre outras doenças, como o “alcoolismo, o cocainismo e o sifilismo”, todas fruto da “desorganização social e do capitalismo açambarcador”.

Diante da maneira como Fábio Luz registrou sua militância, direcionei a pesquisa no sentido de refletir como uma militância se constrói através da palavra escrita e falada, e como Fábio Luz é uma expressão significativa dessa forma de militância. A partir da palavra e da pena fazia-se um militante do comunismo libertário, de modo personalizado e difuso, sem se fixar num “locus” social específico. Fazendo de sua pena experiência de vida e de militância, transita em vários espaços e entretece suas práticas, ora com ativistas sindicais, ora com literatos, ora com jornalistas, operários, etc.

Ao pretender recuperar o significado da militância de Fábio Luz, como uma das expressões que assume o movimento anarquista, busco identificar seus diferentes modos de expressão e atuação, na sua vivência diária, no seu relacionar-se com diferentes sujeitos sociais, anarquistas ou não. Não se trata de priorizar o conteúdo dos registros como fragmentos de “verdades” inscritas em diferentes suportes materiais. Ao percorrer o sinuoso caminho trilhado por Fábio Luz o fiz na certeza de que os procedimentos metodológicos, na pesquisa histórica, pautam-se pelo diálogo entre teoria e fontes. As reflexões aí surgidas são marcadas pela subjetividade dos sujeitos sociais pesquisados e do pesquisador. Assim, o diálogo com as evidências históricas se fez em meio a expectativas nascidas de leituras historiográficas e do contato com os escritos de Fábio Luz.

Ao abordar os vários recursos através dos quais Fábio Luz fez-se um militante anarquista, intercalo a análise da produção literária às conferências e palestras. A publicação posterior de suas palestras e conferências é o que permite recuperar a aliança entre o oral e o escrito. Aliando a palavra escrita à expressão oral de conferencista, entretecia suas práticas sociais de anarquista e cidadão, situadas no viver urbano do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX.

Dimensionando desta forma a difusa militância de Fábio Luz, além de discutir o “padrão de militância” estabelecido por determinadas correntes historiográficas que identificam nos sindicatos e partidos o “locus” privilegiado da militância, busco recuperar uma outra dimensão do movimento anarquista no Brasil: o comunismo libertário, no modo como ganhou expressão na trajetória de Fábio Luz.

O comunismo libertário de Fábio Luz, inspirado em figuras do movimento anarquista europeu como Kropotkin e Elisée Reclus, manifestava-se também em sua crença na ciência e na educação como fatores de “libertação intelectual”. Este era o caminho que levaria à formação de uma “mentalidade anárquica”. Seus esforços neste sentido, pretendiam preparar as bases de uma revolução social. Porém, “uma revolução que se faz nos espíritos pela doutrinação, pela educação e pela evolução”, ou seja, um processo lento e evolutivo. A mentalidade rebelde, anárquica, conquistada através da educação formal e informal é que levaria à conscientização sobre a decadência moral, política e econômica da sociedade capitalista.

A atuação de Fábio Luz no sentido de influir na formação de uma “mentalidade anárquica”, pelo menos no âmbito de seus possíveis interlocutores e admiradores, se dava em várias direções e de diferentes maneiras. Para um público letrado e habituado à leitura, escrevia romances e novelas. Na imprensa operária a presença era constante como colaborador. Abordava questões do movimento operário e sindical e “doutrina anarquista”. Como redator chegou a publicar dois jornais: “A Luta Social” e “Revolução Social”.

Outra prática, era o fato de que sempre atendia os convites para proferir palestras nas associações operárias. Algumas, as mais longas, foram publicadas, como por exemplo “Nós e os Outros” e “A Imprensa e o Proletariado”. Fábio Luz gostava de passar horas em companhia dos operários para “conversar sobre coisa da ciência e em boa camaradagem passar algum tempo”.

Sua presença se dava com um propósito educativo. Conversar sobre “coisas da ciência” significava, em grande medida, agir num meio social onde reinava o analfabetismo, trabalhar no sentido de que a aquisição de conhecimentos, o letramento fosse uma pré-condição para a auto-emancipação, para a “mentalidade anárquica”.

O Rio de Janeiro, além de ser a Capital Federal e centro administrativo do país, era também centro privilegiado de produção cultural. A vivência política e cultural de Fábio

Luz situa-se no conjunto das variadas formas de expressão da propaganda dos ideais libertários. Além de sua participação na imprensa, de fazer palestras e conferências nas associações e outras entidades operárias, Fábio Luz tinha outros afazeres. É o pesquisador Edgar Rodrigues, no livro “Os libertários: idéias e experiências anárquicas” que nos dá uma noção do cotidiano de Fábio Luz. Neste sentido, relata que Fábio Luz “estava sempre pronto, inclusive, a ensinar português e francês em sua casa, à noite, aos operários que queriam melhorar seus conhecimentos e saber ler jornais ácratas chegados da Itália, da França e da Espanha”.

Assim, o jovem médico baiano ia forjando sua militância no exercício diário da palavra e da pena. Sua dedicação de 35 anos de militância anarquista lhe valeram as qualificações de “romancista revolucionário”, “antigo militante libertário”, “o nosso segundo Kropotkin” entre outros. A respeitabilidade social conquistada no exercício das atividades de médico e inspetor escolar, certamente que contribuía para livrá-lo das perseguições policiais. Algo que era tão corriqueiro na vida dos militantes, para Fábio Luz configurou-se como um episódio. Ao relatar o fato de ter passado algumas horas na prisão, em uma palestra proferida na Academia Carioca de Letras, ele afirmou ter sido “identificado criminalmente, na polícia, por delito de opinião, como subversivo, em uma das ditaduras quatrienais da República Brasileira”.

Fábio Luz saiu de Salvador para tentar a sorte no Rio de Janeiro em 1898. Médico recém-formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, suas primeiras experiências profissionais, na então Capital Federal, foram na “Hospedaria de Imigrantes em Pinheiros”. Conseguiu também um emprego de Inspetor Escolar, do qual se aposentaria em 1918. Sua formação médica influenciou fortemente na sua criação literária e no seu modo de vivenciar o seu tempo. Valores como salubridade e higiene contrapostos a doenças e imundície permeiam as páginas dos romances “Ideólogo” e “Os Emancipados”.

Um pouco pela formação médica é que se explica a importância da ciência e da cultura letrada, no modo como aparecem nas propostas de mudança para anarquia, de Fábio Luz. Para ele, a aquisição de um saber letrado e científico seriam os pré-requisitos para a mudança de mentalidade que levaria ao entendimento das propostas libertárias de organização social. A plena conquista de uma mentalidade anárquica antecederia às mudanças econômicas e políticas, ou melhor, seria isto uma consequência. Neste sentido, Fábio Luz não encarava a ciência e o saber erudito como instrumento de poder e dominação, mas sim como caminho da libertação, da formação de consciências libertárias. Para Fábio Luz, “nenhum regime social pode contar, para sua execução, com a grande maioria de analfabetos nem com os analfabetos que sabem ler”. Os cálculos de Fábio Luz relativos ao analfabetismo reinante na sociedade brasileira chegavam em torno de 80%.

Fábio Lopes dos Santos Luz (1864-1938) nasceu em Valença, ao sul da Bahia, onde passou a infância e a adolescência. É o quinto filho de uma família de funcionários públicos. Sua mãe, Adelaide Josefina Lopes Luz, foi professora e seu pai, Manoel dos Santos Luz, foi administrador da “Mesa de Rendas”.

A memória de sua infância em Valença ficou registrada em um texto de 1923:

“Nem sempre, entretanto, me foi dado gozar a liberdade completa concedida a meus irmãos. Moléstias longas me prenderam ao leito por dias intermináveis. Sofri de coréia, em recaídas sucessivas, com rápidas intermitências de saúde. Isso me fez sonhador. Preso ao leito, na agitação tremenda de todos os músculos da vida de relação, na desordem e na incoordenação dos movimentos, meu cérebro trabalhava mais do que era natural na minha idade. Aquela moléstia apurou, sutilizou minha fantasia e, sendo desconhecida na localidade, fez com que

todos se sentissem comiserados de meu pai, a quem o destino havia reservado o desgosto de ter um filho idiota. Quando já era eu um preparatoriano, um negociante amigo, muito condoído, me perguntou um dia se ainda vivia meu irmãozinho maluquinho, de quem não mais ouvira falar. O maluquinho era eu.”ⁱⁱⁱ

O caráter biográfico deste trabalho não implicou em rígido acompanhamento cronológico da história de Fábio Luz. Sua vinda para o Rio de Janeiro, quando iniciou sua prática profissional como médico da Hospedaria de Imigrantes, já tem como indício da militância a elaboração de um “vocabulário russo-polonês”. Entretanto, acompanho sua trajetória a partir da publicação de “Ideólogo” em 1903, sua passagem pela Academia Carioca de Letras e sua militância até 1938, quando morre.

Cabe esclarecer também que não pretendo abordar a história do movimento operário no Rio de Janeiro pela via da militância de Fábio Luz. Ocupo-me dos caminhos pelos quais ele se fez um militante do comunismo libertário. De vez em quando estes caminhos me fizeram seguir alguns lances do movimento operário, na medida em que ambos se encontravam. Minha intenção foi recompor a sinuosa trilha de Fábio Luz, recuperando nos registros que deixou as dimensões oral e escrita de sua militância libertária. Neste percurso, a produção literária de Fábio Luz foi pensada como prática social. Nela busco outros momentos e faces diferentes do que a historiografia do movimento operário consagrou sobre o anarquismo enquanto projeto de transformação e enquanto prática e luta política que se constitui em determinado momento.

O lugar dos anarquistas na historiografia brasileira foi, durante muito tempo, o movimento operário e sindical. Este lugar foi demarcado pela historiografia dos anos 60 e 70 voltada para os estudos dos trabalhadores no capitalismo, prioritariamente pelo viés de seus movimentos organizados. É certo que o anarco-sindicalismo ou sindicalismo revolucionário, para usar uma expressão da época, teve forte influência no meio operário e sindical das primeiras décadas do século. Entretanto, quando se olha para algumas militâncias individualizadas que fizeram parte das manifestações naquele período, vê-se que é possível recuperar outros espaços, práticas e expressões anarquistas.

Com esta perspectiva, recorro a alguns trabalhos que rediscutem o lugar dos anarquistas na historiografia. São referências importantes que, de modo diferenciado, apreendem a diversidade da presença anarquista no meio social. Entre estes trabalhos está “Nem Patrão”, de Francisco Foot Hardman^{iv}. Ao abordar diferentes aspectos das práticas culturais dos anarquistas, dedica uma parte ao estudo da “produção de uma literatura social de cunho libertário”. Neste trabalho oriento-me sobre os padrões estético-literários contemporâneos a Fábio Luz, bem como rediscuto o “locus” social e qualificação de “discurso anarquizante” no qual o autor avalia os escritores e militantes anarquistas.

Outro trabalho que também aborda a questão da literatura é “Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literários e educacional”, de Flávio Luizzetto^v. Ao se ocupar da literatura como meio de expressão e propaganda das idéias libertárias, o autor analisa as obras de Domingos Ribeiro Filho, Avelino Fóscolo, Curvelo de Mendonça e Fábio Luz. Acompanho-o na tarefa de mostrar que a produção literária dos escritores anarquistas alcançava outros espaços sociais além do movimento operário.

O trabalho de Giuseppina Sfera em “Anarquismo e Anarcossindicalismo”^{vi} foi importante na definição das diferenças entre anarco-sindicalistas e comunistas libertários. Analisando os periódicos “La Bataglia” e “Terra Livre” publicados entre 1905 e 1911 em

São Paulo, conseguiu estabelecer as bases destas diferenças, recuperando a mediação entre a teoria e a prática de uma e outra tendência no movimento operário.

Outras reflexões que também incorporo referem-se à relação entre a memória construída pelos militantes do movimento anarquista e a adoção pela historiografia da fala dos bolchevistas como representação do passado do movimento anarquista. Estas questões, e outras amplamente desenvolvidas no trabalho “Edgard Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, Memória e Militância Anarco-Sindicalista”^{vii}, são pertinentes aos embates entre anarquistas e bolchevistas no processo de surgimento do Partido Comunista em 1922. É neste momento que surgem “Os Emancipados”, um grupo libertário, organizado por Fábio Luz. Pretendiam fazer frente aos bolchevistas, principalmente através da imprensa.

Para a composição do cenário urbano do Rio de Janeiro, sobretudo no que se refere à atmosfera cultural e intelectual, nas primeiras décadas do século, recorri aos trabalhos de Nicolau Sevcenko e Jeffrey Needell. O primeiro com “Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República”. O segundo com “Belle Époque Tropical”. No âmbito da imprensa relacionada aos escritores, recorri ao texto de Flora Sussekind, “Cinematógrafo de Letras”^{viii}.

No quebra-cabeças que é o trabalho historiográfico, fica difícil citar os inúmeros trabalhos, que de algum modo, nortearam as reflexões teórico-metodológicas que permitiram a recuperação da sinuosa trilha de Fábio Luz. Contudo, destaco ainda as valiosas contribuições que foram surgindo ao longo da convivência com colegas e professores do Mestrado em História. Tantas outras contribuições historiográficas que não foram mencionadas nesta Apresentação e que aparecem ao longo do texto são igualmente importantes.

Dividi o texto em duas partes, privilegiando no primeiro capítulo a dimensão escrita da militância de Fábio Luz. Recorrendo aos romances “Ideólogo”, “Os Emancipados” e “Nunca” aponto as intenções de Fábio Luz em mostrar que o comunismo libertário não restringe suas propostas ao meio operário. Nos ensaios de crítica literária “A paisagem no conto, na novela e no romance”, “Dioramas”, “Ensaio” e outros textos também de crítica literária, além da conferência “Nós e os Outros” está o valor que Fábio Luz atribuía a literatura como meio de educação, cuja função social que lhe era atribuída, ocupava o lugar da História.

Nestes registros recupero a dimensão escrita da militância libertária de Fábio Luz, se constituindo como prática social, isto é, aquilo que ele fazia como escritor e cidadão, o modo como tecia seus projetos libertários e construía uma outra realidade nas páginas de seus livros. Dialogo com os textos de Fábio Luz buscando o lugar social no qual e do qual ele fala e para quem fala, sem contudo aprisioná-lo neste ou naquele lugar. Talvez em função desta preocupação em deixar que o próprio Fábio Luz estabeleça os contornos sociais de sua militância é que optei pelas frequentes citações. Aparece também neste capítulo o envolvimento de Fábio Luz com a Universidade Popular e todas as suas práticas militantes voltadas para a formação de uma “mentalidade anárquica”.

Na segunda parte, trabalho com os artigos que aparecem na imprensa operária e anarquista, bem como as palestras e conferências publicadas. Recupero a importância da imprensa na militância de Fábio Luz, bem como suas posições sobre sindicalismo e sua atuação no movimento operário.

Recupero nestes registros a dimensão oral da militância de Fábio Luz, articulada às reflexões sobre a dimensão escrita. Até porque, o que era oral tornou-se escrito ao ser publicado. Ao pretender recuperar a dimensão oral, quero dizer da importância que a

condição de orador, de conferencista assumia em seu jeito de ser anarquista e expressar-se para as mais diferentes platéias. No caso de Fábio Luz, a palavra e a pena estavam imbricadamente voltadas à anarquia.

Capítulo I

Fábio Luz e os caminhos para uma mentalidade anárquica.

De que servem as revoltas, quando não está ainda formada a mentalidade anárquica tão generalizada, que permitia o estabelecimento, em determinada região do globo, de uma sociedade sem governo, sem leis, formada pelo acordo mútuo, baseada na solidariedade humana e na liberdade perfeita?
Fábio Luz.

Livraria, lugar de danação.
Lugar de descoberta.

Carlos Drummond de Andrade

“Fomos formando assim na Livraria Garnier um grupo de rebeldes, cada qual com sua tendência. Todos éramos contra o que se praticava em nome do povo, para a infelicidade do povo”.^{ix}

O grupo de rebeldes que se reunia na Livraria Garnier contava ainda com a participação de Elísio de Carvalho, Curvelo de Mendonça, Rocha Pombo e outros. A Garnier era também uma editora de expressão, no contexto da efervescência cultural do começo do século no Rio de Janeiro. Publicava autores conhecidos como José de Alencar, Machado de Assis e também os desconhecidos como Fábio Luz e Curvelo de Mendonça. Situada na Rua do Ouvidor, a Livraria Garnier era um reduto de intelectuais que mais se assemelhava a um Centro de Estudos.^x

Nas palavras da viajante Gina Lombroso Ferrero, que visitou o país em 1907, a Garnier lhe parecia mais que uma casa comercial: “A Livraria Garnier, do Rio, não é, na verdade um simples estabelecimento comercial, mas um clube, uma academia, uma corte de mecenas”.^{xi}

A opinião de Gina Lombroso expressava um pouco da vida cultural da sociedade carioca. Era a efervescência cultural, na virada do século, que tinha um espaço demarcado no desenho urbano do Rio de Janeiro. Era a Rua do Ouvidor e adjacências, que no caso de Fábio Luz e de outros escritores e intelectuais serviu de ponto de partida para a militância política, atividade jornalística e literária. Eram redações de jornais, gráficas, livrarias, cafés e restaurantes nos quais se reuniam os “homens de letras” da sociedade carioca.^{xii}

Em 1901, quando estreou na literatura através da então prestigiada Garnier, Fábio Luz já contava com treze anos que desfrutava das rodas literárias daquela livraria, como um médico apaixonado pela literatura. No dizer de Fábio Luz, a Garnier era um topa-tudo, ou seja, aceitava publicar autores novos e desconhecidos. Entretanto, quando publicou seu primeiro livro, Fábio Luz teve oportunidade de entender na prática as atitudes de editor para com os autores.

“Novelas”, o livro de estréia de Fábio Luz, foi publicado em 1901. Nesta ocasião, a casa Garnier não estava mais nas mãos do “B. L. Garnier” ou o “Bom Ladrão Garnier”, como era conhecido no meio literário, o proprietário e editor Batista Luzardo Garnier^{xiii}. Os negócios da editora eram administrados de Paris por Hippolyte Garnier, irmão do antigo proprietário. No contrato firmado entre ambos, Fábio Luz já percebia que não podia contar com os ganhos de seu trabalho literário para sobreviver. O editor exigia que:

“4º - O Sr. Fábio Luz renuncia a todo e qualquer direito, que como autor lhe concedem as leis brasileiras.”^{xiv}

Os sentimentos de revolta e rebeldia que antecedem a convivência de Fábio Luz com a intelectualidade carioca, que povoava a Garnier e outras livrarias e ambientes da Rua do Ouvidor, foram vividos ainda na infância e adolescência. Vivendo numa sociedade monárquica e escravista em Valença, no interior da Bahia, sensibiliza-se diante de uma realidade contra a qual se revoltará mais tarde, tornando-se abolicionista e republicano.

A participação na propaganda abolicionista e republicana marcou o período em que Fábio Luz era estudante de Medicina em Salvador, entre 1883 e 1888. Por ocasião da conclusão do curso, apresentou à cadeira de Clínica Psiquiátrica a tese “Hipnotismo e Livre Arbítrio”. Escrita num período marcado pelas agitações da propaganda abolicionista e republicana, a tese mostra que seu autor estava também sintonizado com as últimas novidades francesas acerca da incipiente psicanálise. Inspirado em abundantes citações de autores franceses, entre os quais se destaca Charcot, aborda temas como sonho, sono, sonambulismo, hipnotismo e sugestão. Ao lidar com o conhecimento da época sobre estes assuntos, concluía que muita coisa não podia ser levada a sério, a não ser no campo da criação literária. Neste sentido afirmava que:

“Fascinação, leitura do pensamento, dupla vista, cumberlandismo enfim, parecem contos de Edgar Poe, ou fantasias orientais”.^{xv}

A carreira de Fábio Luz segue outros rumos, bem diversos do campo abordado na tese. Será como Clínico que ficará conhecido no Méier, onde montou sua Clínica. Sua popularidade neste bairro foi conquistada graças à dedicação aos moradores que o procuravam. Principalmente as vítimas da febre amarela e varíola, epidemias que assolavam a cidade.

Leôncio Corrêa, o escritor que ocupou o lugar de Fábio Luz na Academia Carioca de Letras, retratou estas circunstâncias num pequeno estudo biográfico. Ele nos conta que Fábio Luz “... reconduzido à clínica civil no Méier, à mesma entregou-se inteiramente, a ponto de passar as noites num sofá com roupas de sair, à espera de freqüentes chamados noturnos. Durante a epidemia de febre amarela dedicou-se, num verdadeiro sacerdócio, à população suburbana, que por este e outros assinalados serviços, exigiu que a Prefeitura desse o nome dele a uma das ruas do bairro”^{xvi}. Há também nesta rua um “Edifício Solar Fábio da Luz”. Nas placas da rua há também diferença na grafia do nome, uma com Fábio Luz e outra com Fábio da Luz.

No cotidiano da profissão de médico, fazia-se conhecido entre a “população suburbana”, no dizer do amigo Leôncio Correia. No ambiente da Livraria Garnier convivia com intelectuais. Na convivência com os freqüentadores da Livraria, fez amigos e projetos que marcaram os primeiros lances de sua militância e atividade literária.

A Garnier foi o palco no qual se deu o encontro do ex-abolicionista e ex-republicano Fábio Luz com “Palavras de um Revoltado”, do anarquista russo Kropotkin. Este era uma das principais referências teóricas e exemplo de conduta para Fábio Luz, que o admirava, sobretudo, pelo lado de cientista e pesquisador, principalmente no campo da Geografia.

O militante anarquista de origem russa, Peter Alexeyevich Kropotkin (1842-1912), exerceu forte influência no âmbito do movimento anarquista europeu em fins do século

XIX. O comunismo libertário, do qual é um dos principais expoentes, foi exposto no livro “Ajuda Mútua”. Embora não se possa falar em comunismo libertário no sentido de defini-lo somente em relação a um único pensador. Tampouco buscando coerência em textos de vários autores, o que seria impossível encontrar no anarquismo. Kropotkin deu uma importante contribuição no sentido de que ao ser respeitado no mundo ocidental como cientista, contribuía para que a Anarquia fosse considerada uma teoria séria de transformação social. De certa forma, Kropotkin contribuía em demonstrar como escritor e pesquisador, que o anarquismo havia mudado, não pregava a destruição incendiária da sociedade como nos tempos de Bakunin.

O militante Kropotkin, de “profunda cultura científica”, foi “também um grande artista da palavra escrita e falada” na opinião de seu admirador. Quanto à identificação de Fábio Luz com os princípios do comunismo libertário, estava também relacionada ao fato de que aquele pensador interpretava a “questão social” pela ótica “científica”. Fábio Luz via em Kropotkin a união perfeita da arte e da ciência.

O comunismo libertário no modo como foi pensado por Kropotkin, aparece inicialmente no jornal “Freedom”, fundado por ele em 1886 em Londres. Posteriormente, em 1902 foi sistematizado no livro “O apoio mútuo como fator de progresso entre os animais e os homens”. As reflexões aí contidas originam-se dos estudos e observações diretas de Kropotkin geógrafo e naturalista.^{xvii}

Associando darwinismo e sociologia, Kropotkin constrói uma peculiar interpretação dos estudos do naturalista inglês. É principalmente no segundo livro de Darwin, “A descendência do Homem”, que se baseou Kropotkin para construir o princípio da “ajuda mútua” que sustenta suas proposições sobre o comunismo libertário.^{xviii}

Se o evolucionismo baseado na luta cruel e contínua entre as espécies, pela sobrevivência era o fundamento dos estudos de Darwin em “A origem das espécies”, Kropotkin encontrou em “A descendência do Homem” argumentos completamente distintos, quando se tratava de uma mesma espécie. Para Kropotkin, o naturalista inglês afirmava que dentro de uma mesma espécie predomina o princípio da solidariedade. Este princípio é que fortalece a luta pela sobrevivência entre as espécies diferentes. Nesta linha de raciocínio, Kropotkin argumentava que:

“O apoio mútuo é na natureza, um fato predominante. Sendo o apoio mútuo um fato necessário à conservação, ao florescimento e ao desenvolvimento progressivo de cada espécie, converteu-se no que Darwin qualificou de instinto permanente, próprio a todos os animais sociais, entre os quais se deve contar o homem naturalmente.”^{xix}

Kropotkin, foi sem dúvida, o guia intelectual de Fábio Luz. Em sua opinião a obra de Kropotkin representa-o “como alevantado vulto científico mundial e não simplesmente russo. “É em “Dioramas, uma antologia de crítica literária” que o discípulo presta as devidas homenagens ao mestre. Mostrando-se conhecedor da biografia dele, faz questão de deixar claro que sua admiração era principalmente pela erudição do pensador russo. No texto sobre Kropotkin, além de dados biográficos e interpretação de trechos de algumas obras de Kropotkin, Fábio Luz várias vezes explica seu encantamento e identificação com aquele militante anarquista:

“Não foi outro meu intento, escrevendo estas linhas a respeito da obra de Pedro Kropotkine, senão o de prestar pobre e insignificante homenagem ao único espírito pelo qual me tomei, a

princípio, de simpatia depois de admiração e por fim de veneração. Espírito libérrimo, um tanto ou quanto iconoclasta, rebelde e revolucionário, jamais tive ou aceitei ídolos ou mestres; nunca me preendi aos grandes nomes das letras e das ciências senão às suas idéias.

A vida romântica de Kropotkin, seus estudos da natureza, seus livros de economia política libertaria, seus livros de ciência sempre me atraíram e se não fora presunção de pobre herá desconhecida, eu diria que fui seu discípulo e com ele aprendi a coordenar e dirigir, bem divulgadas, minhas tendências anarquistas, minhas revoltas de libertário.”^{xx}

Na história do movimento anarquista europeu, Kropotkin, juntamente com Elisée Reclus (1830-1905) e Malatesta (1853-1932) representam a vertente do comunismo libertário. Esta vertente, cujos fundamentos teóricos Fábio Luz bem conhecia, eram divulgadas nos romances e novelas, através de personagens que organizavam comunidades baseadas no princípio da “ajuda mútua” ou discutiam a viabilidade do comunismo libertário.

Neste sentido, a criação literária de Fábio Luz traz a marca da mentalidade cientifista e positivista do século XIX, incorporadas às obras de Kropotkin, Reclus e outros. Não por coincidência, ocorreu, no caso de Fábio Luz, o inevitável encontro entre ciência e militância. Sua literatura tem a marca de sua formação médica, a ciência é um referencial significativo em sua militância.

Um exemplo de como acontecia o imbricamento da pena do médico e do escritor militante, numa crítica firmada na legitimidade do saber médico, é o texto “A luta contra a tuberculose do ponto de vista social”. Deste folheto de 1913, só me foi possível recuperar um fragmento no boletim “O Bibliógrafo”. No ponto “A Literatura Social no Brasil”, o editor Francisco Alexandre faz o seguinte comentário:

“Nesse trabalho editado pelo Centro de Estudos Sociais, o autor procura demonstrar que a tuberculose, como outras endemias reinantes, é um mal fundamentalmente social, cujos fatores são a fome e a miséria.

É uma moléstia do regime.

Na organização atual da sociedade, a classe pobre está condenada a uma existência em tais condições, que é absurdo pensar em dominar esse mal ou sequer restringir-lhe o campo de ação.

Sem que desapareça o regime industrial-capitalista, explorador, absorvente, desumano e cruel, escreve o Dr. Fábio Luz; sem que o capital passe a ter um destino social, não se poderá dar combate eficaz ao terrível inimigo da humanidade, a tuberculose.”^{xxi}

O encontro entre ciência e militância ganha visibilidade na literatura, através do uso da linguagem médica. Esta fornecia os conceitos através dos quais, o autor enquadrava a realidade social na qual se movimentavam os personagens: “focos de infecção física e moral”, “mal estar do povo”, o “mal das instituições”, “mistura de lama e sangue”, “convulsões da miséria”, “fermentação malsã dos ódios”, etc. – compunham o repertório. Aliado a isto, estava o modo de construir uma imagem da realidade, ancorada em expressões que contrapunham doenças e imundícies à salubridade e higiene.

Isto fica evidenciado nas páginas de “Ideólogo”, fruto dos primeiros tempos de militância e de moradia na então Capital Federal. Neste romance estão presentes as reflexões do médico, do militante e do escritor, embora não seja possível analisar separadamente, pois cada uma das partes está diluída no todo que é Fábio Luz. Entretanto, “Ideólogo” tem um explícito tom autobiográfico que deixa transparecer as diferentes facetas do autor.

Neste romance o autor monta o cenário urbano do Rio de Janeiro na passagem do século. Publicado em 1903, “Ideólogo” traz o modo como Fábio Luz vivenciava há 15 anos o modo de vida da sociedade carioca, as mudanças sociais e políticas e a transformação na paisagem urbana.

A mentalidade da burguesia carioca no contexto da Belle Époque europeia que aqui se instalava é comparada às condições miseráveis de sobrevivência de uma parcela do operariado. Retrata a reação da população pobre às campanhas de saneamento, às inspeções nas habitações, e as epidemias que vinham ocorrendo no Rio de Janeiro desde o final do século XIX. Dedicava várias páginas para mostrar a violência, a truculência com que eram tratados os suspeitos de doenças contagiosas, por aqueles que eram encarregados da “Higiene”.

Nas páginas de “Ideólogo” tem-se o lado rico e o lado pobre da cidade com seus respectivos personagens. Fábio Luz transitava nos dois, em seu cotidiano. O mesmo acontecia com o personagem Anselmo, um ex-abolicionista e ex-republicano de origem burguesa preocupado com a “questão social”.

Nas falas de Anselmo, o principal personagem de “Ideólogo” e alter-ego de Fábio Luz, estão registrados os sonhos libertários do autor. Anselmo dedica-se ao sonho de viver numa sociedade “sem governo, sem leis, formada pelo acordo mútuo, baseada na solidariedade humana e na liberdade perfeita”. A trajetória de Anselmo situa-se em dois momentos distintos. Numa primeira fase, é advogado bem sucedido e de família rica. Atua na advocacia criminal, dedicando-se à defesa dos miseráveis, por entender que as injustiças sociais, “fruto do egoísmo burguês”, são os responsáveis pelas atitudes tidas como criminosas daqueles que foram privados “do pão como alimento e do pão espiritual”. Como advogado, bem conhecia e rechaçava o sistema penitenciário, acostumado que estava a visitar a Casa de Detenção. Dizia que:

“Naquela casa eram recolhidos menores vagabundos, filhos da miséria, vítimas do capitalismo.”^{xxii}

Numa segunda fase, Anselmo faz passar-se por tipógrafo para aproximar-se dos operários e fazer propaganda dos ideais libertários. Entretanto, não atua somente no meio operário. Seu empenho em divulgar as idéias anarquistas em seu próprio meio social aparece nos diálogos que trava com Alcibíades. Este sempre ridiculariza as atitudes de Anselmo:

“Tu não tens juízo. Já pela abolição da escravidão fizeste loucura como estudante. Talvez daí viesse essa mania de cavaleiro andante, paladino de todas as liberdades. Cuida em ti, rapaz. O século é dos homens práticos e não dos utopistas.”^{xxiii}

Anselmo reconhecia uma certa distância social e intelectual em relação aos operários para os quais pretendia levar os ideais libertários. Buscou minimizar este obstáculo aproximando-se como tipógrafo. Num segundo momento, o narrador nos conta que:

“No fim de algum tempo começou a organizar uma associação de auxílios mútuos, e daí o seu nome foi tomando vulto entre os operários, e ele já era apontado chefe da propaganda nova. Nos últimos tempos estava muito ocupado com a montagem de um prelo donde sairia a sua Revista semanal. Ia entrar em cheio na atividade. Era preciso, agora que conhecia bem o meio, educá-lo.”^{xxiv}

As campanhas de saneamento e o processo de urbanização do centro da cidade e as tentativas de controle das epidemias através das campanhas de vacinação, são questões que compunham a cena urbana, captadas pela pena de Fábio Luz. A leitura de determinadas páginas de “Ideólogo”, sobretudo os capítulos XII e XIII remete a este contexto. A partir da doença do personagem Jorge, suspeito de doença contagiosa, pelo encarregado da “Higiene”, chega-se ao lado pobre da cidade:

“Jorge morava em um cortiço a que davam o nome de Avenida Airosa.

Anselmo parou junto ao córrego infecto, em parte coberto por um bambual. Em frente a uma série de casinhas, antigas senzalas talvez, ficava um pequeno pátio batido e varrido, indo terminar no córrego; do lado da rua, entre o mato rasteiro e o capim, corria uma sargeta, onde lama cheia de detritos se escoava lentamente, exalando um cheiro detestável de matérias orgânicas em decomposição. Do outro lado, dando para outra rua, mulheres lavavam, e cantavam em um terreno baldio, onde as ervas cresciam livremente.”^{xxv}

No desenrolar do capítulo aparecem os diálogos de personagens anônimas, restritas àquele capítulo. São falas do cotidiano dos moradores daquele lugar, acostumados a receber a visita da “higiene seringando tudo”. Alguns recomendavam a homeopatia para curar a doença de Jorge e assim se livrar do “doutor da Higiene”:

“Pela meopatia era melhor; tratava o doente aqui, e não se metia cá a higiene seringando tudo, e os homens de boné gritando, e maltratando a gente.”^{xxvi}

O desfecho do capítulo se dá com a chegada da “Higiene” para levar Jorge:

“Pela madrugada rodaram carros na rua. Homens de roupas brancas e bonés de oleado, com letreiros brancos em fundo preto penetraram na estalagem. Cena de desolação e desespero.”^{xxvii}

A parte rica da cidade, na qual Anselmo vivia, predomina no texto, bem como seus respectivos personagens, com os quais dialoga sobre conjuntura política, as mazelas do capitalismo e seus projetos libertários. No trecho a seguir, refere-se ao Governo Campos Sales 1898-1902. Sobre este período, nas conversas com o médico e amigo Alcibíades, avalia que:

“E quem nos diz que a fome não está aí? Quem vive na abundância com clientela rica não conhece quanto de desolador vai pelas classes populares. Inquire um colega qualquer de subúrbios ou bairros pobres e de operários se a miséria já penetrou nos albergues, e ouvirás a verdade. Os operários estão sem trabalho; os processos financeiros do funding-loan empobreceram a indústria, mataram quase a lavoura. Não apareceram já greves a propósito de salários? E o Estado sempre a matar o operário, despedindo turmas e turmas dos arsenais, para entregar mediante somas fabulosas as construções a industriais estrangeiros, concedendo a título de educação foro de casa de correção infantil a uma exploração capitalista da infância transviada. (...) São as belezas do teu sistema.”^{xxviii}

Este quadro da política e economia brasileira, na maneira como aparece na avaliação do personagem principal, traz a marca de uma literatura com clara intenção de ser meio de educação política, em vez de puro entretenimento. Neste sentido, o fazer literário, naquele momento, era um modo de intervir no social.

Guardadas as devidas diferenças em relação à opção pelos ideais libertários, em determinados aspectos Fábio Luz se enquadrava no perfil da intelectualidade da Primeira República, no modo como foi traçado por Nicolau Sevcenko. Para este historiador, “em torno das duas últimas décadas do Império e as duas primeiras da República floresce no país uma categoria de intelectuais bastante diversa da de seus confrades tradicionais. Profundamente envolvidos com questões sociais e políticas mais prementes da nação; ao mesmo tempo que desenraizados das velhas oligarquias e das atividades político-partidárias que elas monopolizam esses escritores caracterizam-se justamente pelo espaço independente de ação social que procuram.”^{xxix}

O caminho trilhado por Fábio Luz, desde os tempos de estudante em Salvador até a adesão aos ideais libertários no Rio de Janeiro, ao ponto de ser reconhecido como “romancista revolucionário” é um exemplo expressivo do perfil traçado por Sevcenko. “O testamento libertário de Fábio Luz”, publicado por Edgar Rodrigues é documento esclarecedor a este respeito. Nele o próprio Fábio Luz nos conta que:

“Tornei-me abolicionista por sensibilidade. Constrangido quando observava a miséria, os sofrimentos e humilhações impostas pelos policiais negros aos seus semelhantes. O Estado, o Império, apareciam-me como responsáveis por estes atos de desumanidade, atribuía-os a todas as formas de Governo. Este entendimento fez nascer em mim aspiração de uma forma de Governo que fosse mais humano e igualitário.

Supuz que uma República democrática realizaria esse ideal e me tornei republicano apesar do decreto que pôs fim à escravidão ter sido aprovado pela Monarquia, forçada pela propaganda que o povo fazia. Enganei-me, e só mais tarde percebi o equívoco em que vivi, colaborando na organização republicana que, com sua revolução mudou os homens e exploradores, deixando na essência de seus discursos e enfáticas promessas a mesma exploração da monarquia, autocrática, oligárquica e ditatorial.

Comecei então a preocupar-me com a questão econômica e a má distribuição da riqueza social, criada pelo trabalhador, dinamizada pelos exploradores e açambarcada pelos capitalistas.”^{xxx}

Assim como Fábio Luz, o personagem Anselmo torna-se um “Ideólogo” da anarquia depois de ter se desencantado com a experiência de acompanhar a transição do Império à República. Verificava que nada se modificava em relação à “questão social”:

“(…) Não tardara entretanto a compreender que toda a organização social se baseava no domínio do forte contra o fraco e que a República com sua constituição positivista, apesar dos esgares de igualdade, mantinha como o positivismo a distinção de classes: persistiam o operariado, o patriciado capitalista, o sacerdócio e as mulheres. A divisão do trabalho e a distribuição equitativa do bem estar artístico e intelectual e físico continuariam como privilégio de classes. Estudou o socialismo e o coletivismo com seu Estado Social; e as fichas, os bônus de hora de trabalho lhe traziam a mesma impressão de domínio e de distinção.

A igualdade um sonho, a liberdade uma mentira, a fraternidade uma burla.

A República não satisfazia os seus ideais humanitários; ele queria mais. Seu ideal era a comuna, e ele tinha ainda pejo de confessar a si mesmo: era a comuna.”^{xxxi}

A participação nas agitações sociais que marcaram a passagem do Império à República era uma experiência comum ao grupo de intelectuais que fazia da Livraria Garnier um ponto de encontro para discussão dos projetos, das maneiras de intervir concretamente numa realidade social que pretendiam modificar.

Foi ali que surgiu o projeto da Universidade Popular, encampado por Elisio de Carvalho, uma figura de curta militância no movimento anarquista, mas de polêmica

atuação. Elisio de Carvalho foi o primeiro anarquista a trazer os textos de Oscar Wilde para o Brasil. Se confessava um adepto do anarquismo individualista de Max Stirner. Chegou a publicar jornais e revistas de cunho anarquista como “A Greve” surgido em 1903 e “Kultur”, uma revista que durou 5 números em 1904. No livro “História dum Cérebro” descreve momentos que partilhava com Fábio Luz:

“Isento de toda ambição pessoal e livre de todo o espírito de partido, crente da justiça e da beleza do meu ideal, no movimento revolucionário, frequentando os centros operários, realizando conferências populares (as circunstâncias me obrigaram a ser orador), fundando periódicos e revistas anarquistas, minha última tentativa tem sido a Universidade Popular, a primeira que se funda na América do Sul, para empreender a instrução superior e a educação social do proletariado, e que mereceu o apoio e o concurso de Felisbelo Freire, Erico Coelho, Rocha Pombo, José Veríssimo, Morales de los Rios, Rodolfo Bernadelli, Carvalho Behring, Manuel Curvelo, Evaristo de Morais, Deodato Maia, Silva Marques, Fábio Luz, Pedro Couto, etc.”^{xxxii}

A Universidade Popular era expressão de uma tendência e de um momento em que as ações da militância anarquista ainda não tinham as marcas do anarco-sindicalismo. Era o resultado da importância dada pelos anarquistas à educação e à ciência como superadoras dos obstáculos no processo de transformação social que levaria à sociedade anarquista.

Leitor contumaz de Elisée Reclus e Kropotkin, Fábio Luz partilhava da crença na ciência e na educação como fator de “libertação intelectual” que levaria à formação de uma “mentalidade anárquica” ou, como dizia Elisio de Carvalho, “a instrução superior e a educação social do proletariado.”

Os caminhos para uma revolução social passavam assim por “uma revolução que se faz nos espíritos pela doutrinação, pela educação e pela evolução”. A mentalidade rebelde, anárquica, conquistada através da educação formal e informal é que levaria conscientização sobre a decadência moral, política e econômica da sociedade capitalista. Por isso, no discurso de inauguração da Universidade Popular, Fábio Luz conclamava:

“Mais uma larga e luminosa senda está aberta para o futuro de paz e justiça, de solidariedade e amor. Que todos aqueles que nos negros das oficinas fuliginosas, nos presídios das fábricas, na galé eterna do trabalho e no doloroso labor diário em bem do explorador; que todos aqueles que aspiram pela emancipação moral e pela libertação econômica, venham aqui buscar um pouco de luz para desbravar o caminho na conquista da cidade futura, feliz e igualitária.”^{xxxiii}

A proposta da Universidade Popular era bem abrangente, na medida em que pretendia fornecer aos seus frequentadores algo mais além da educação política, numa perspectiva anarquista:

“Serão iniciados desde logo os cursos práticos de línguas, aritmética, escrituração mercantil, desenho, modelagem, arte decorativa, mecânica e conferências sobre todos os assuntos de interesse social. Esses cursos dependem de matrícula especial.

Biblioteca (leitura em domicílio e sobre a mesa), sala de leitura (onde se encontram revistas e jornais de todas as partes do mundo), consultório médico e jurídico, livraria, museu social, etc.”^{xxxiv}

A disposição dos intelectuais, que se envolveram com o projeto da Universidade Popular, em oferecer “um pouco de luz para desbravar o caminho na conquista da cidade futura, feliz e igualitária”, é expressão de uma prática social e de uma mentalidade que

privilegiou a aquisição do saber letrado e da ciência como base sobre a qual se desenvolveria a compreensão e a luta pelo ideal anarquista.

A Universidade Popular, assim como as experiências das Escolas Modernas e Centros de Estudos são reveladoras das preocupações e dos esforços da militância em criar uma base cultural que alicerçaria a mudança social que pregavam: uma sociedade sem autoridade, principalmente a representada pelo Estado, organizada a partir do sentimento de solidariedade entre seus membros. Para compreender isto, principalmente os proletários, seria necessário estudo, instrução, conhecimento científico. Por este caminho Fábio Luz orientava sua prática militante, conforme enfatizou ao falar na inauguração da Universidade Popular:

“Vê bem o povo que os poderes públicos não se preocupam com a questão máxima de sua ascensão para a verdade e para a luz.

Sem os meios que lhe fornece este grupo de homens de boa vontade, que serão imitados, estou certo, em todo o Brasil, sem os elementos de aperfeiçoamento moral e de libertação intelectual que aqui encontrará o operário, a emancipação do proletariado não se fará, pois para emancipar-se por si precisa instruir-se.”^{xxxv}

A experiência da Universidade durou poucos meses, assim como foi rápida a dedicação de seu idealizador ao movimento anarquista. Elísio de Carvalho chama atenção pelos caminhos nada libertários que trilha, depois de uma curta militância marcada pelas traduções de obras de Oscar Wilde e Max Stirner, conferências e publicação de periódicos libertários. É Fábio Luz que nos conta a trajetória do amigo que fez nas rodas literárias da Garnier:

“Nós íamos fazer conferências nas portas das fábricas. Aos domingos reuníamos na sede da Universidade todos os camaradas. Depois os contribuintes para a manutenção das aulas incorreram em faltas graves de administração universitária, sendo responsabilidade por tudo isso o reitor, que era Elísio de Carvalho.

Este se afastou totalmente e a universidade teve de fechar suas portas.

Elísio foi ocupar um cargo na política e chegou a ser diretor do instituto de identificação criminal, debaixo da proteção do atual diretor e redator do Jornal do Comércio, doutor Félix Pacheco, ex-ministro de relações exteriores, deputado e senador.”^{xxxvi}

Fábio Luz continuava na sua senda, escrevendo e fazendo palestras. Depois da publicação de “Ideólogo” e do envolvimento com a curta experiência da Universidade Popular, fazia-se bem conhecido nos meios libertários e literários da então Capital Federal. Sua pena não parava. Três anos depois de “Ideólogo” publicava “Os Emancipados” em 1906. Nesta época, já contava com 18 anos que vivia no Rio de Janeiro. Casado, pai de 5 filhos, ia sobrevivendo com os ganhos de médico e inspetor escolar.

Vivenciava as mudanças sociais, políticas e econômicas que sob a ordem republicana ritmavam o modo de vida urbano do Rio de Janeiro. Ritmo que se acelerava a cada ano, marcado pelo processo de expansão demográfica que vinha ocorrendo desde o último quartel do século XIX. Por ser o centro político-administrativo e econômico do país, a cidade do Rio de Janeiro surgia no cenário nacional e internacional como um pólo à migração.

Do ponto de vista social, cabe destacar a reforma urbana encampada pelo Prefeito Pereira Passos entre 1903 e 1906 e neste contexto, as precárias condições de habitação e

saúde em que vivia a população pobre. Sobre este aspecto recorro ao retrato deste período, traçado pelo historiador Nicolau Sevcenko:

“O plano geral da cidade, de relevo acidentado e repontado de áreas pantanosas, constituía obstáculo permanente à edificação de prédios e residências, que desde pelo menos 1882 não acompanhavam a demanda sempre crescente dos habitantes. A insalubridade da capital, foco endêmico da varíola, tuberculose, malária, febre tifóide, lepra, escarlatina e sobre tudo da terrível febre amarela, já era tristemente lendária nos tempos áureos do II Reinado, sendo o Rio de Janeiro cantado por um poeta alemão como a “terra da morte diária / Túmulo insaciável do estrangeiro.”^{xxxvii} É neste contexto também que Osvaldo Cruz é nomeado em 1903 para a Diretoria de Saúde Pública.

Os anos entre 1903 e 1906 são significativos em termos de modificações na paisagem urbana e nos hábitos e costumes da sociedade carioca. É a conhecida “Regeneração” com seu elevado custo social. “A expressão ‘regeneração’ era por si só esclarecedora do espírito que presidiu esse movimento de destruição da velha cidade, para complementar a dissolução da velha sociedade imperial, e de montagem da nova estrutura urbana.” Esta análise de Sevcenko refere-se à modernização da cidade pretendida com a reforma de Pereira Passos.

A modernização do porto do Rio de Janeiro e a construção da Avenida Central são os marcos da reforma encampada pelo Prefeito Pereira Passos, cujos desdobramentos implicaram num processo de “limpeza” do centro da cidade com a expulsão da população pobre para a periferia e a demolição de casas e cortiços de feição colonial.

Conhecedor desta realidade, Fábio Luz traz para as páginas dos seus livros personagens e temas que compara no estilo de vida da burguesia e da parcela pobre da população. Ao colocar personagens de origem social burguesa se envolvendo com a “questão social”, com as condições miseráveis de existência de uma parcela do operariado, pretende demonstrar tanto nas páginas dos livros quanto no seu jeito de ser um anarquista, que o “seu bem estar social” não tirara a sensibilidade, a capacidade de ser solidário “com a dor humana”. No “Ideólogo” o personagem Anselmo exemplifica esta postura:

“E demais a tendência para reformas sociais não é produto simples da miséria; a miséria, as condições desgraçadas e ínfimas do proletariado servem de pretexto às reivindicações, mas não são a causa exclusiva, causa que é antes a sede intensa de justiça, de solidariedade e de amor.”^{xxxviii}

Assim também acontece em “Os Emancipados”. O autor tece a trama cotidiana de diferentes personagens e de diferentes meios sociais, antes de se tornarem “emancipados” e participarem da fundação de uma comunidade anarquista no interior de Minas Gerais. Um dos personagens principais é Alípio, que na opinião do pai que custeara seus estudos na Europa o filho o decepcionara:

“Em vez do homem prático, engenheiro empreendedor, lhe saíra um filosofante, preocupado com a questão social, com as misérias do proletariado, absorvido por problemas econômicos e morais muito utópicos.”^{xxxix}

Alípio pretende convencer o pai a lhe dar a parte que lhe cabe na herança da família para por em prática ideais libertários. No diálogo entre ambos, surgem os caminhos que Alípio aponta para a consecução de seu projeto libertário. Contesta a opinião do pai que o

aconselha a despojar-se da riqueza e do conforto e viver como um operário; Alípio contrata argumentando que:

“Como aconselha que me despoje das armas com que posso lutar? Preciso do armamento igual ao do adversário. Não chegamos ainda a Terra da Promissão, temos de abrir caminho e só o conseguiremos empregando contra o capitalismo as armas de que ele se serve contra nós. Não me despojarei desses elementos de luta. É necessário o livro, é indispensável a imprensa para a propaganda. Sem livro, sem imprensa, sem educação, tudo monopolizado pela burguesia absorvente, pelo capitalismo, como tentar a santa cruzada de reivindicação, de justiça e equidade? Sem o dinheiro estaremos desarmados. Preciso muito do meu”.^{xl}

O romance “Os Emancipados” está dividido em três momentos cronológicos, na ordem: Passado, Presente e Futuro. O cenário é o Rio de Janeiro urbano. O título “Os Emancipados” é uma referência ao grupo que se organiza para fundar uma comunidade anarquista no interior de Minas Gerais. São emancipados dos preconceitos sociais, conquistaram a libertação intelectual e realizavam a propaganda pelo fato com a organização da “Cidade Feliz”.

As imagens que surgem da “Cidade Feliz” nas páginas de “Os Emancipados”, vêm acompanhadas, em seus princípios de liberdade, da noção de higiene e salubridade aliada aos avanços tecnológicos e científicos produzidos pelo homem. Assim, na “Cidade Feliz”, todos são iguais e cada um goza o produto do seu trabalho na satisfação dos seus desejos. Tudo lhes é fornecido porque tudo é resultado da sua cooperação na obra comum da abastança geral, explica Alípio, um dos mentores da “Cidade Feliz”.^{xli}

Nos últimos capítulos tem-se uma imagem da “Cidade Feliz” que vai aparecendo aos poucos nas falas dos personagens. Rememoram o processo de organização da cidade, comparando o passado e o presente:

“Longos meses de estudo para conseguir no princípio melhorar o que havia. Alvaro que se dedicara sempre aos estudos de eletricidade, calculara a força das cachoeiras da fazenda e de sua energia tirara a força motriz para as oficinas e para iluminação, tendo feito vir da Europa todas as máquinas aperfeiçoadas. (...)

Ele por seu lado fazia o possível para melhorar a terra, aplicando os seus conhecimentos de química industrial. (...)

Agora toda a criação estava por sua conta, bem como a casa de laticínios – de um asseio holandês, com seus utensílios brilhantes e limpos como baixelas de luxo.

Os campos de engorda tratados, os redes cheios, os estábulos derramando pelo ar o cheiro forte dos animais limpos e sadios.

No mais era de uma salubridade invejável aquele cantinho do mundo, com sua rede de esgotos, lavada abundantemente.”^{xlii}

Assim ia surgindo a cidade criada pelos emancipados, que a despeito das dificuldades enfrentadas no começo,

“surgia clara, arejada, com seus jardins floridos, suas ruas largas, cidade de paz e amor, de solidariedade e justiça.”^{xliii}

Esta valorização da higiene e da salubridade que compõem o cenário da “Cidade Feliz” contrapõe-se à representação do espaço urbano ocupado pela população pobre, conforme mostrei em “Ideólogo”. Em linhas gerais, os dois livros se complementam na medida em que as idéias que são divulgadas por Anselmo em “Ideólogo” são reforçadas e postas em prática pelos “emancipados” na “Cidade Feliz”.

Na “Cidade Feliz” foi abolido o trabalho assalariado e a distinção entre trabalho manual e trabalho intelectual, conforme explicava o personagem Auto:

“- Não há aqui diferenciação entre os gêneros de trabalho.

O trabalho intelectual é esforço de um órgão, com seus auxiliares, assim como o trabalho muscular. Ambos dependem da influência nervosa do cérebro, ambos produzem gastos iguais na economia animal. São pois equivalentes e a remuneração que se lhes dá é o direito comum de viver conforme as suas necessidades.”^{xliv}

A fórmula aplicada pelos “emancipados” no que se refere à divisão da riqueza socialmente produzida seguia na íntegra o princípio básico do comunismo libertário: “de cada um conforme as suas capacidades e a cada um de acordo com suas necessidades.” Era o que pregava Anselmo do “Ideólogo”.

Assim, através das páginas de “Os Emancipados”, Fábio Luz fornecia aos leitores de seus livros uma idéia, em termos práticos, do que seria uma sociedade anarquista. Mas quem são, naquele momento, os leitores dos livros de Fábio Luz? Ele certa vez avaliou que 80% da população era analfabeta. Então quem seriam os 20% restantes, possíveis leitores de seus livros?

A questão da receptividade das obras de escritores anarquistas, nas primeiras décadas do século, no Rio de Janeiro, foi analisada por Flávio Luizzetto no trabalho “Letras Rebeldes: escritores brasileiros e o anarquismo no início do período republicano”. Referindo-se às obras de Avelino Fóscolo e Fábio Luz, afirma que: “Ambos sabiam que escreviam para um reduzido público leitor. Tudo indica que seus contos, novelas e romances devem ter circulado, preferencialmente, entre o pequeno grupo de pessoas já habituadas e afeiçoadas à leitura: jornalistas, professores, estudantes, funcionários públicos graduados, médicos, advogados. Um círculo relativamente pequeno de leitores, sem dúvida.”^{xlv}

Se a literatura de Fábio Luz atingia um pequeno público letrado, seus artigos na imprensa operária e anarquista ampliavam seu campo de atuação, bem como as palestras. Neste sentido, encarnava em sua prática militante a figura do intelectual que colocava seu saber a serviço de um ideal, de uma causa e não de uma classe. Aliás, uma das diferenças entre o comunismo libertário e o anarco-sindicalismo é que a primeira tendência do movimento anarquista não interpreta a realidade social sob a perspectiva da luta de classes e sim do ponto de vista de dominadores e dominados, opressores e oprimidos.

Nesse sentido, a atividade literária de Fábio Luz traz também a marca da arte como função social. Para ele, a arte de escrever deveria estar colada à realidade de seu tempo e cumprir com a tarefa de “ser uma contínua representação dos momentos sociais de transformação das tendências e das aspirações populares.” Sua literatura contém a intenção de registrar as “comoções da alma popular”. Por esta característica, sua literatura expressava sua indignação e sua peculiar maneira de lutar contra as injustiças sociais que identificava na ordem burguesa. Sua literatura engajada expressava-se nas propostas de uma sociedade livre, baseada na igualdade e na ajuda mútua.

Fábio Luz aliava sua criação literária à crença de que através das manifestações artísticas é que se conhece um povo. É pela arte e não pela história que se pode conhecer um povo e seu desenvolvimento material e intelectual. Neste sentido, no texto “A arte nova”, explicitava o papel social da arte:

“Pela arte da escrita, pela escultura, pela música nas canções populares, nos improvisos dos trovadores, pelos líderes, pelas canções com que o povo celebra ou lapida seus grandes homens, como nas caricaturas, e pelas grandes construções monumentais, nos advém mais seguros e verdadeiros ensinamentos da psicologia de um povo e principalmente de um período de seu desenvolvimento material e intelectual, com seus vícios e suas virtudes, do que pelos ensinamentos transmitidos pelos cronistas e escribas reais, cujas bajulações aos poderosos ainda servem de fonte de informação para a História; sempre contada à feição dos governantes ou ao sabor das preferências do historiador.”^{xlvi}

Fazer da literatura um meio de expressão da militância política não significava, para Fábio Luz, abandonar as preocupações de ordem estética. No seu entender, “a emoção ao mesmo tempo estética e sentimental combinadas” deveria estar no horizonte de preocupações de todos os escritores de todas as tendências. No texto “A literatura e o meio” desenvolve interessantes reflexões sobre a escola parnasiana no âmbito das relações entre a literatura e o meio natural e social. Acusava os parnasianos de deixarem de lado a emoção estética e sentimental:

“O parnasianismo não compreendeu isto e assim suas descrições se assemelham aos frescos e aos azulejos que decoram as residências dos nobres e as casas dos ricos, sem que tenham ligações com os modos de vida, os costumes dos habitantes ou se relacionem com os espíritos que as ocupam.”^{xlvii}

Certamente que o período literário parnasiano não poderia contar com a simpatia de Fábio Luz. Enquanto tendência poética, a estética parnasiana rejeitava a subjetividade e valorizava a arte pela arte. O poeta parnasiano perseguia o rigor da métrica perfeita à composição poética. O artista é artista e não tem que fazer do seu ofício outra coisa, somente arte, contrariando assim a perspectiva libertária sobre a função social da arte.

Bem distante desses princípios, Fábio Luz perseguia a educação política de seus leitores através da criação literária. As páginas dos seus livros se constituíam em oportunidades para que demonstrasse suas convicções anarquistas, sua maneira de interpretar a realidade de seu tempo e propor caminhos para a transformação da realidade.

Neste rumo surgia em 1924 “Nunca”, uma novela cujos personagens principais são Rafaela e Lucas, um militante libertário. Os encontros e desencontros da trajetória de cada um tecem a trama da novela. O casal se reencontra nos capítulos finais, em meio às agitações que marcaram a Revolta da Vacina. Ambos são presos e deportados para o Acre. Morrem no decorrer da viagem, não vivenciando o grande amor que sonharam.

“Nunca” tem muito do que Fábio Luz queria dizer quando afirmava que a literatura deveria “registrar as comoções da alma popular”. É onde o autor narra a reação da população contra a campanha de vacinação anti-varíola, desencadeada pelas autoridades de saúde, em 1904 no Rio de Janeiro:

“Surdos rumores corriam pela cidade; em toda a parte se discutia a questão da vacinação obrigatória e já Rafaela ouvira falar das reuniões de protestos, das providências da polícia, e uma vez vira a notícia de uma conferência realizada por Lucas, em um teatro.”^{xlviii}

Como médico, Fábio Luz admitia a necessidade de medidas sanitárias que eliminassem o quadro de epidemias que vitimava a população do Rio de Janeiro. Entretanto, discordava dos métodos aplicados: a obrigatoriedade, a truculência, a violência e a invasão de privacidade que semeava o pânico. Na sua opinião, a revolta contra a vacinação obrigatória era “a consequência de todas as medidas justas executadas por

agentes violentos”. Entendia que as agitações, o motim popular que tomou conta da cidade...

“era o povo que se levantava para defender sua liberdade, em titânicas e ferozes convulsões. E quando o povo chega a essa alta compreensão de seus direitos, ponham-lhe os diques que quiserem, que ele como torrente impetuosa, fará a enchente atirando os obstáculos por terra. A luta pela liberdade individual e pela conquista de direitos postergados, é violenta como a lava contida durante séculos, que, no momento da erupção, vai tudo queimando e destruindo, na sua passagem.

(...) O povo se insurgia, e parecia iminente uma revolução, e talvez uma revolução séria, em que, pela primeira vez, o povo faria respeitar-se diretamente, e não seria representado pelas forças armadas Exército e Marinha.”^{lix}

Ao que parece, “Nunca” foi escrito com o propósito primeiro de registrar um fato histórico contemporâneo do autor: a Revolta da Vacina. Era uma atitude em que a literatura, além do valor artístico, cumpria também com a função social de fazer as vezes do historiador. Pois se para Fábio Luz a história “é sempre contada à feição dos governantes ou ao sabor das preferências do historiador”, a literatura que não era apenas entretenimento, representava...

“a melhor base para o estudo real das civilizações e dos progressos, retrocessos, quedas e vôos do espírito humano.”^l

Depois de “Os Emancipados”, de 1906, até 1924 quando surgiu “Nunca”, que compõe a trilogia da propaganda anarquista na literatura, Fábio Luz publicou mais três livros: o romance “Elias Barrão”, um livro para o ensino primário; “Memórias de Joãozinho” e um livro de ensaios literários: “A paisagem no conto, na novela e no romance”.

Paralelamente, continuou escrevendo artigos na imprensa operária e anarquista, nas revistas literárias e fazendo palestras. Fiel aos princípios do comunismo libertário, buscava explicar suas convicções nas diversas oportunidades que tinha quando escrevia e fazia palestras.

O jornal “A Plebe” editado por Edgard Leuenroth, e do qual Fábio Luz era assíduo colaborador, expressou bem o modo de ser anarquista, bem como as pressões a que ele respondia por se qualificar como “burguês”. “A Plebe” prestava sua solidariedade:

“Há tempos, no no. 4 de Renovação, Fábio Luz escreveu um artigo em que se declarava burguês autêntico e, gabando-se de suas idéias libertárias, reivindicava o direito que todos têm de ser anarquista; e protestava contra o privilégio que se arrogam as classes proletárias de serem as únicas a considerar-se anarquistas. O notável romancista revolucionário tem carradas de razão em considerar o anarquismo campo aberto a todos os homens de boa vontade e o problema social uma questão que a todos interessa.”^{li}

Ao longo da militância de Fábio Luz a questão de sua condição social de homem de letras, médico, funcionário público, um “burguês” como se autodenominava, esteve sempre presente. Defrontava-se com as críticas à sua condição de intelectual burguês, tida por alguns como motivo de desconfiança em relação à sinceridade de seus propósitos.

O que possibilita Fábio Luz assumir a condição de burguês é o fato de ter pertencido a uma família de funcionários públicos, desde os tempos do Império. Junte-se a isto o fato de que dispunha de certa mobilidade e trânsito social no que se refere à publicação de seus

livros e artigos, fazendo-se conhecido como pessoa erudita. Tal mobilidade, certamente era também fruto da respeitabilidade social conquistada no exercício das profissões de médico e inspetor escolar. Esta atividade foi exercida entre 1895 e 1918 e lhe valeu inúmeras homenagens em escolas que recebiam o seu nome. Há também o fato de ter sido homenageado ainda em vida, pela Prefeitura do Rio de Janeiro que deu seu nome a uma rua do Méier, onde tinha uma clínica. A rua permanece com o nome Fábio Luz.

Na visão de Fábio Luz, lutar não é abdicar de seus próprios bens, da sua condição social, mas lutar para que todos tenham condições dignas de sobrevivência. Exemplar neste sentido é o fato de ter iniciado uma “Conferência lida no Festival da Plebe, em 1922”, explicando aos ouvintes que sua condição social e sua opção por uma sociedade anarquista não eram incompatíveis. O seu estilo de vida, ao contrário, o fazia um homem mais sensível. Assim explicava:

‘Por esta incompreensão dos nossos intuitos revolucionários, um notável poeta, hoje redator de uma importante revista literária no Rio, um dia me disse que não acreditava na sinceridade de minhas idéias anarquistas, porque, se eu fosse sincero, já teria abandonado todo o relativo conforto de que gozo para viver pobremente, humildemente, em companhia dos miseráveis compartilhando das misérias, dos sofrimentos, da fome e dos desesperos deles. Não pensou, nem ponderou o poeta que é exatamente contra a miséria, o sofrimento, a fome, os desesperos da maioria dos homens, esmagados por uma minoria sem alma, que se insurgem os bons espíritos, os corações bem formados, as almas sensíveis, em que vibra a revolta contra a injustiça social que rouba o produto ao produtor e faz com que o lavrador não tenha o pão fabricado com o seu trigo, amarelecido com o suor de seu rosto, e o tecelão sofra o frio por não se poder cobrir com o pano que teceu. Não pensou o poeta que tomar parte na miséria que aflige o proletário, abdicando de algum bem alcançado, é aumentar o número de sofrendores e entregar ao adversário as armas que ele nos empresta, deixando-lhe ainda maiores possibilidades de combater-nos com vantagem.

Assim pensa um letrado, assim pensam os que da questão social têm apenas a noção fugidia da desigualdade em tudo, mas acham que é assim mesmo e que sempre assim foi, uma fatalidade histórica irremediável. Pensava o letrado que nós anarquistas fazemos votos de pobreza, que somos Franciscanos, votados à humildade, à resignação, à pobreza, e que para ser solidário com a dor humana e para compartilhar com o proletário dos desesperos e das revoltas que causam as injustiças e abominações dos regimes sociais vigentes, é preciso ser maltrapilho, sem lar e sem pão.”^{lii}

Esta faceta da trajetória de Fábio Luz, quando comparada ao modo como ele e outros intelectuais aparecem em alguns trabalhos sobre o movimento anarquista no Brasil, traz algumas semelhanças. Refiro-me à semelhança entre os discursos de alguns historiadores e aos discursos de alguns interlocutores de Fábio Luz que buscavam qualificar suas atitudes e prática política, a partir do critério de sua origem sócio-econômica.

A presença de Fábio Luz bem como de outros intelectuais com semelhante postura de militância no movimento anarquista, aparece na historiografia, com mais frequência pelo viés da influência anarco-sindical no movimento operário. Devido ao fato de a corrente anarco-sindicalista ter tido forte influência no movimento operário das primeiras décadas do século, o movimento anarquista foi, durante algum tempo, um recorte temático dos estudos sobre o movimento operário e sindical.

Próximo a esta maneira de olhar a presença anarquista, está a interpretação desenvolvida por Bóris Fausto no livro “Trabalho Urbano e Conflito Social”. Quando aborda o movimento operário a partir de “correntes organizatórias e seu campo de

incidência”, no âmbito do “anarquismo brasileiro” identifica num “núcleo dirigente” dividido entre trabalhadores manuais e intelectuais. Neste “núcleo dirigente”, arrola 11 nomes entre os quais Fábio Luz, como pertencentes “grosso modo à média burguesia intelectual”.^{liii} Classificou-se o grupo em referência a atuação deles nas questões operárias.

Em alguns aspectos, seguindo a mesma linha de interpretação está “Nem Pátria, Nem Patrão. Vida operária e cultura anarquista no Brasil”, de Francisco Foot Hardman. Ao analisar as atividades culturais dos anarquistas no começo deste século, dedica um capítulo ao estudo da “literatura social libertária”. Neste ponto, mostra que mesmo no campo da chamada história literária, são poucos os autores que se ocuparam da literatura feita por escritores militantes anarquistas.

Em alguns momentos, a análise segue na direção de situar a literatura feita pelos escritores anarquistas nos padrões estético-literários da época. Sobre esta literatura afirma que: “com efeito, ela será conservadora, em geral, no que diz respeito à linguagem; a forma do soneto será a preferida na poesia e a narrativa tradicional (narrador linear e onisciente) aparecerá no romance social”. Assim concluiu: “o pensamento e a literatura libertária inscrevem-se inteiramente na história literária ‘nacional’: quem os colocava de fora era o discurso dominante”.^{liv} Talvez por isto, fosse possível a um escritor como Fábio Luz, que pregava a necessidade de uma sociedade sem governo e sem leis, uma revolução social, ter artigos publicados em revistas e jornais de ampla circulação nos meios da elite letrada.

Noutra direção, quando busca identificar o “locus” social da produção literária de alguns anarquistas, Foot Hardman afirma que: “são de origem pequeno-burguesa, produtores de discursos que poderíamos chamar de ‘anarquizantes’: pois, se por um lado, não estão enraizados de forma plena no movimento operário e nas lideranças ali produzidas, constituem entretanto, porta-vozes mediatos dos ideais anarquistas e elementos dissidentes e radicais na sua recusa dos (sic) discursos dominante”.^{lv}

A qualificação de “discursos anarquizantes” carrega o critério da origem econômico-social do militante. Este sendo um burguês e por conseguinte não tendo raízes fincadas no movimento operário, é necessário que seja apresentado pelo historiador como “dissidente e radical” para merecer a condição de porta-voz dos ideais anarquistas.

A origem sócio-econômica não deveria ser um referencial significativo. A visibilidade social da militância de Fábio Luz está na variedade de registros que expressam os diferentes espaços sociais que marcaram e foram marcados por ele na tarefa de ser um libertário. Assim como o “lugar” – movimento operário – é insuficiente para dar conta de sua difusa militância. Afinal, os espaços e os modos da militância de Fábio Luz eram variados, como variados eram o alvo dos destinatários que pretendia atingir. É certo que ele não tinha raízes fincadas no movimento. Entretanto, fez-se conhecido e respeitado neste meio como anarquista.

Para Fábio Luz, o fato de ser um intelectual burguês conhecedor do pensamento anarquista, lhe facilitava o trabalho de propaganda. Os caminhos que propõe para se chegar à sociedade ácrata passa antes pela “revolução que se faz nos espíritos pela doutrinação, pela educação e pela evolução.”

Fábio Luz não restringia sua atuação, sua ação de propaganda a um grupo específico ou classe social. Pretendia que sua propaganda chegasse a todos indistintamente, embora de maneira diferenciada. Ele se sentia no dever de preparar, educar “os espíritos” nos princípios da ajuda mútua, da solidariedade, sejam eles acadêmicos, intelectuais, burgueses, operários etc. Acreditava na possibilidade de se formar uma “mentalidade anárquica”

coletiva, através da educação formal e informal voltada para os princípios do comunismo anarquista, sempre lembrando Kropotkin:

“A fórmula de Kropotkin abrange os postulados de justiça, de felicidade perfeita, de solidariedade absoluta, pois que se baseia na tendência ao progresso da humanidade, no sentido de uma existência menos feliz, isto é, menos perfeita, para uma existência mais feliz e mais perfeita, onde a solidariedade e o amor sejam justiça, onde a liberdade e a fraternidade sejam verdades.

Para atingir esse estado de felicidade perfeita, a humanidade terá de aprender a amar solidariamente, exercitar e aperfeiçoar os dotes e tendências naturais de auxílio mútuo que devemos uns aos outros, pelo grande prazer que isso nos causa, pela grande soma de simpatia que nos acarreta, pela serenidade que nos traz a consciência de um dever cumprido, pela recíproca afeição que desperta, pela enormidade de ensinamento moral que propaga. Para lá chegar é necessário considerar a humanidade inteira dentro do nosso dever de amar solidariamente, de sentir fraternalmente com elas as dores e as alegrias.”^{lvi}

O trecho acima integra o artigo “A Lei Suprema”, publicado na revista “A Vida”, de novembro de 1914. “A Vida” era uma revista mensal de propaganda libertária e contava com a “colaboração dos nossos mais cultos propagandistas e escritores revolucionários”, conforme informavam os editores na primeira página do segundo número. Mais este esforço de propaganda contava com a participação de Astrogildo Pereira, que ainda se considerava um anarquista; Florentino de Carvalho, sob o pseudônimo de Primitivo Soares, José Oiticica, Orlando Correa Lopes entre outros.

Entre os objetivos da revista estava o empenho em “vulgarizar entre todas as camadas sociais, sem exclusivismo, as doutrinas anarquistas, e incitar a estudar e a produzir os que pelas questões sociais e filosóficas, neste país, se interessam.” Trazia em suas páginas, além das “doutrinas anarquistas” um amplo leque de questões que iam desde a condição feminina, abordada nos textos de José Oiticica, como divergentes opiniões sobre a Guerra de 1914, passando pelas greves operárias e conjuntura política nacional. Trazia também uma seção intitulada “Bibliografia Brasileira Sobre a Questão Social”. Neste item pretendia manter informados os leitores sobre:

“Desde quando se escreve, no Brasil, sobre a questão social? Que livros, que folhetos, que jornais se tem publicado aqui, a respeito das doutrinas socialistas em geral?”^{lvii}

De certo modo, “A Vida” é o desdobramento literário dos debates realizados no Centro de Estudos Sociais, surgido também em 1914. Neste centro se dava o debate entre anarquistas e socialistas. Outro desdobramento das atividades do Centro de Estudos Sociais é a colaboração dos frequentadores do Centro no jornal “Na Barricada” dirigido por Orlando Correia Lopes, também ligado ao Centro.

Capítulo II

Fábio Luz e os caminhos para uma sociedade anárquica.

“A ‘República’ atual, que se diz nova, emprega contra a propaganda de renovação social os mesmos métodos dos governos anteriores, confundindo anarquistas com bolchevistas; não sabe distinguir comunistas autpritários, marxistas, dos comunistas libertários, anarquistas. Para os governantes todos são simplesmente subversivos.”

Fábio Luz

Os anos entre 1910 e a década de 1920 foram os anos mais intensos na trajetória de Fábio Luz. Sua pena era exercitada também nos livros paradidáticos que publicou nesta época: “Leituras de Ilka e Alba”, de 1912 e “Memórias de Joãozinho”, de 1917. O primeiro chegou à 5ª edição em 1926. É um livro de contos, “adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública, para o curso complementar das escolas primárias de letras do Distrito Federal”. O título é uma referência e homenagem de Fábio Luz a suas filhas Ilka e Alba. O 2º livro, “Memórias de Joãozinho”, trazia o subtítulo “episódios escolares” e também foi adotado nas escolas primárias do Distrito Federal.

Nesta iniciativa pedagógica formal, o militante anarquista atenua o discurso, para dar lugar ao Inspetor Escolar. O trabalho de Fábio Luz voltado às crianças do ensino primário aproximava-se das propostas estabelecidas de instrução formal ou pelo menos não se distanciava radicalmente. O fato de seus livros terem sido aprovados pela “Diretoria Geral de Instrução Pública” indica que não eram explicitamente um texto de propaganda anarquista.

Fábio Luz exerceu a atividade de Inspetor Escolar entre os anos de 1895 e 1916, nesta condição entendia que:

“A escola municipal é a escola do proletariado. O ensino integral que lhe devemos deve ser fornecido no menor espaço de tempo possível, pois não temos o direito de retardar-lhe a entrada na vida de labuta, de caça ao pão nosso de cada dia.”^{lviii}

A incursão nos livros paradidáticos mostra que Fábio Luz produzia com sua pena de tudo um pouco. Além dos romances e novelas, sua presença se dava com frequência nas páginas da imprensa anarquista e operária. O fato de publicar artigos em revistas e jornais das mais diferentes tendências políticas e culturais, e que eram também meios de expressão dos mais diferentes e divergentes grupos sociais e políticos é, sobretudo, o entretecer de uma militância que transita em espaços sociais diferenciados e se apresenta para diferentes destinatários.

No âmbito do movimento operário, os escritos de Fábio Luz que aparecem na imprensa anarquista e operária posterior a 1917, situam-se no contexto dos embates entre libertários e bolchevistas, quando se acirra entre eles a disputa pela hegemonia no meio operário. Tais escritos, são expressão das diferentes propostas de transformação social colocadas em discussão nas páginas dos jornais anarquistas e operários, por ambos os grupos.

As diferentes maneiras de participar e propor formas de luta no movimento operário, resultou aos poucos, no aprofundamento das distâncias entre militantes anarquistas e comunistas, cuja expressão maior foi a criação do Partido Comunista em 1922.

Tomada do poder do Estado pelo proletariado, criação de um partido político, condutor e orientador das ações revolucionárias, portanto um órgão centralizador, eram os caminhos que os comunistas propunham frente às necessidades dos trabalhadores, conforme interpretavam.

Por esta maneira de encarar e propor caminhos para as questões dos trabalhadores e para uma revolução social é que os comunistas passam a desqualificar os anarquistas. De

certa forma, esta visão dos comunistas passou para a historiografia a versão de que a atuação dos anarquistas no movimento operário no começo do século, representaria uma tendência “superada”.

Distante desta interpretação, está o trabalho de Yara Maria A. Khoury, sobre a militância de Edgard Leuenroth. A autora acompanha a militância de Edgard Leuenroth e seus companheiros, recuperando o significado de suas propostas e o modo como constroem uma memória do movimento. Sobre a concorrência entre anarquistas e comunistas no movimento operário a partir de 1922, identifica “nas falas bolchevistas parte da responsabilidade pela reputação dos anarquistas como tendência ‘superada’ no movimento operário, usadas para desqualificar sua prática no jogo de forças do movimento”. Sobre a atuação dos anarquistas, contrapondo-se aos comunistas, a autora fornece vários exemplos, entre eles está o caso de José Oiticica e Fábio Luz no Rio de Janeiro:

“O grupo libertário ‘Os Emancipados’, também do Rio, organizado por Fábio Luz, quando se acentuam as diferenças entre anarco-sindicalistas e bolchevistas, aproveita a comemoração de Primeiro de Maio para diferenciar as posições anarquistas, comunistas e cooperativistas. Segundo o grupo os ‘comunistas autoritários’ são como ‘lobos com pele de cordeiros’; sob a capa de cooperativistas pretendem sorrateiramente invadir as associações operárias para fazerem sua política de dominação e de sacrifício da liberdade. Luz chama Astrogildo Pereira de ‘ditador brasileiro do PC’ e os comunistas de falsos revolucionários, pois ao proporem-se a explorar o Estado antes de destruí-lo, fazem-no sobreviver.”^{lix}

As experiências de Fábio Luz, no âmbito dos embates contra os comunistas, aparecem nos artigos sobre sindicalismo e a atuação que os anarquistas deveriam ter nos sindicatos para fazer frente ao centralismo, ao autoritarismo no qual identificam os bolchevistas. Para Fábio Luz, o movimento anarquista vinha tomando rumos notadamente sindicais. Para marcar a posição dos comunistas libertários nesta questão, aproveita a oportunidade em que, através de uma carta, agradece ao convite do Centro Operário Natalense, para expor suas preocupações e sua visão sobre sindicalismo. Na carta, explicava que:

“Como simples sociedade destinada à obtenção de pequenas melhorias da classe dos trabalhadores, melhorias concretizadas nos favores que o capitalismo queira conceder ao Laborismo, com receio das reivindicações, intimidado pela pressão constante: como organização trabalhista de resistência, beneficente, defensora dos associados e às vezes, de uma classe de profissionais, - o Sindicato é um entrave à Revolução Social, parecendo maquiavélico invento burguês. Reformistas ou colaboracionistas, contentes com as leis de acidentes do trabalho, com o dia de 8 horas, com o salário mínimo, com o direito de greve, os operários aí se vão educando para manter e intensificar a mentira eleitoral, a pomposa soberania popular, para a formação de partidos políticos, para colaborarem na obra de ludíbrio do proletariado em geral. Nestas condições o Sindicato é um mal: é um agrupamento que entrava o desenvolvimento da consciência dos oprimidos e facilmente se transforma em elemento opressor, em partido política de reação no caminho das revoluções políticas, afastado da revolução social, indo no caminho da maior autoridade, tendendo à ditadura, no propósito de perpetuar a divisão da sociedade em classes, substituindo no governo a classe vencida pela classe vencedora, e por conseguinte trabalhando para perpetuar o Estado, seu maior inimigo, com todos os males que continuarão irreparáveis.”^{lix}

Até aqui, Fábio Luz apontou os limites de uma prática sindical voltada às conquistas salariais e condições de trabalho, portanto, no seu entender, integradas às demandas do capitalismo, não se constituindo nenhuma ameaça à ordem social vigente. Mas qual

deveria ser o papel do sindicato na perspectiva do comunismo libertário professado por Fábio Luz? Qual o recado que ele mandava ao Centro Operário Natalense e ao movimento operário?

“O Sindicato deve ser escola revolucionária da Revolução Social; o Sindicato deve preparar o operário para integrar-se na sociedade futura, onde todos serão igualmente trabalhadores, em um regime social de mútuo acordo e de livre acordo, em que a produção e o consumo dos produtos estarão organizados na base: “De cada um conforme suas necessidades”. Os sindicatos terão na sociedade futura o encargo de organizar o trabalho de acordo com as aptidões de cada trabalhador e de acordo com as necessidades do consumo, não havendo então precisão de associações defensoras das classes, pois classes sociais desaparecerão de registro social. Portanto a função do sindicato, reunindo trabalhadores de um mesmo ofício e profissão, deve ser a de preparo dos seus sócios para a organização social do futuro, fazendo pouco cabedal dos favores concedidos pelos dominadores e outorgados pelo medo, favores que, assim como vieram, irão, desde que os capitalistas julguem que o proletariado não mais se revoltará. Manter as conquistas provisórias é necessidade, mas fazer destas ilusórias aquisições um programa de vida é caminhar serenamente para o suicídio. Sejais ou não, de um pacatismo desanimador e de filarmônica paroquial, estou no meu direito de propagandista lembrando-Vos que deveis ingressar pelo caminho revolucionário se quereis uma finalidade humana e social ao Vosso Centro. Se já sois revolucionários, aceitai estas palavras como mais uma afirmação de verdadeira solidariedade.”^{lxix}

A posição de Fábio é marcada pelas peculiaridades do seu modo de interpretar as manifestações operárias, que acompanha desde o começo do século, bem como, pela imagem que buscou construir de si, junto aos operários para os quais escrevia e falava. Afinal, como intelectual que olhava a realidade respaldado na noção de ciência que carregava, apresentava-se aos operários como um “irmão mais velho, que teve mais tempo e mais vagares e mais facilidades de aprender.” Neste sentido, sua presença nos sindicatos e centros operários se fazia com um propósito educativo. Na tarefa de educar para a formação de uma “mentalidade anárquica”, explicava:

“Como anarquista que sou, não pretendo com isso, colocar-me em posição acima dos camaradas. Sou um irmão mais velho que teve mais tempo e mais vagares e mais facilidades de aprender. Venho transmitir como posso e o que posso, aos que na conquista do pão não dispõem de tempo suficiente para estudar. Leio para eles e por eles; reuno-os em dias determinados, com eles converso sobre coisas de ciência e em boa camaradagem passo algum tempo.”^{lxxii}

Esta também, era uma maneira de expressar as diferenças que marcavam o comunismo libertário em relação aos anarco-sindicalistas. Porém, haviam também as semelhanças que os uniam. A negação da propriedade privada, do Estado, da igreja, sem dúvida são três pontos que homogenizam o pensamento libertário. São instituições fundadas na autoridade e se constituem como obstáculo a ser vencido na luta pela liberdade. São estes alguns dos pilares da sociedade capitalista, responsáveis por toda sorte de injustiças sociais, econômicas, políticas, etc. e que os anarquistas pretendiam derrubar. Entretanto, as sementes que os anarquistas plantam no dia-a-dia, com o intuito de colher uma consciência libertária contra a sociedade capitalista diferem entre si. Os meios e os métodos no caminho que leva à sociedade ácrata são diferentes para anarco-sindicalistas e comunistas libertários.

O anarco-sindicalismo, ou sindicalismo revolucionário, para usar uma expressão da época de Fábio Luz, tem no movimento operário o espaço privilegiado de atuação prática,

de ação direta. Reconhecem as formas de organização dos trabalhadores em ligas, associações, sindicatos, etc., como importante instrumento de luta e conscientização da classe. Atuam na educação política do trabalhador, porém não consideram esta ação suficiente.

É o que nos mostra Giusepina Sferra ao recuperar a prática militante de um grupo anarco-sindicalista em São Paulo através do jornal “A Terra Livre”, no período de 1905 a 1911. Sobre a atuação do grupo e que servirá aqui para clarear as diferenças, afirma que:

“Participam do movimento operário dentro das sociedades de resistência, delas fazendo parte como trabalhadores, com interesses idênticos aos destes, defendendo o abstencionismo eleitoral e a neutralidade da associação na política parlamentar. A sociedade de resistência, neutra em matéria religiosa, não deixa de combater as uniões de fura-greves, católicos e padres; neutra nas eleições, não deixa de lutar contra as prepotências do poder político considerando que não se deve confundir a luta de um partido com a luta de classes.”^{lxiii}

Em outras palavras, o anarco-sindicalismo ao enfatizar o papel do sindicato, não só como meio de luta e conscientização, mas como a base da sociedade anarquista futura, estabeleceu uma grande distância teórico-prática em relação aos princípios que orientam a militância comunista libertária.

Os comunistas libertários projetam a luta pela anarquia para além dos limites econômicos, no qual se empenham os sindicatos. A luta sindical na perspectiva dos anarco-comunistas deve ser mais um campo para a educação e propaganda dos princípios anarquistas, com o intuito de lhe retirar o caráter imediatista de conquistas salariais, e não o fim último da luta dos trabalhadores. Uma expressão desta perspectiva do movimento sindical é o jornal “La Bataglia”, porta-voz dos comunistas libertários de São Paulo, publicado entre 1901 e 1911. Assim definem o papel do sindicalismo:

“O sindicalismo tem suas razões de ser exclusivamente na presente desorganização social, sendo seu fim melhorar as condições do trabalhador assalariado dentro da órbita das instituições vigentes. Portanto, caímos em grave erro ao considerar o sindicalismo um partido revolucionário, confundindo o seu método de luta – a ação direta – com suas finalidades puramente reformistas... O sindicalismo é apenas um reformismo à base da ação direta.”^{lxiv}

Neste sentido, embora os comunistas libertários reconhecessem a importância dos sindicatos, das organizações dos trabalhadores no âmbito das exigências de uma sociedade capitalista, para lutar contra a exploração a que se sujeitam os trabalhadores nesta sociedade, se recusavam a ver no sindicalismo o caminho para a anarquia.

Os comunistas libertários, trilhando o caminho da educação pela propaganda, com o objetivo de conscientizar grupos e classes sociais, instruí-los para a luta por uma sociedade sem governo e sem leis, não interpretavam as mudanças sociais que propunham, sob a perspectiva da luta de classes, como ocorria com os anarco-sindicalistas.

Em artigo de 1923, onde comenta o livro “Concepção Anarquista do Sindicalismo”, de Neno Vasco, e concordando com as opiniões do autor sobre o fato de que “o sindicato não passará à sociedade futura com a mesma forma que tem hoje”, Fábio Luz propõe...

“a associação sem preconceito classista e profissional: o agrupamento ideológico que congregue elementos revolucionários entre os trabalhadores, livres de quaisquer preocupações econômicas imediatas, inteiramente entregue ao estudo e ao preparo da reorganização social.”^{lxv}

Para Fábio Luz, o sindicalismo ao colocar uma classe social como sujeito da ação na derrubada da sociedade capitalista, afastava-se do caminho revolucionário. Insistia que o sindicato poderia ser revolucionário ou reformista. Neste sentido caberia aos anarquistas conferir-lhe um caráter revolucionário, mas salienta que o sindicato deveria desaparecer, “quando se refizerem as bases da sociedade sobre os moldes libertários.”

Quando falava aos operários, nas palestras promovidas pelos jornais, Fábio Luz buscava esclarecer que não só no meio sindical e operário, ele fazia propaganda do anarquismo:

“Mas para estar convencido de que somente a Anarquia terá capacidade e forças para implantar um regime social igualitário e justo, econômica e moralmente, não é preciso ser operário, proletário e vítima direta das explorações dos patrões e dos açambarcadores. Basta ter olhos para ver alma para sentir e inteligência para acompanhar. Por ventura o sofrimento alheio não afeta até os egoístas? (...)

(...) Tudo concorre para condenar a organização social vigente; até seus maiores sustentáculos a condenam. Nem sempre melhor se apercebem dos horrores, dos ergástulos, as misérias dos bairros operários, dos vilipêndios com que brindam os dinheirosos, os proletários que deles são vítimas diretas. Muitas vezes aqueles que vivem fora dos meios em que impera a miséria, são os que mais chocados, impressionados, molestados e compungidos ficam com o espetáculo de degradação humana, nesses focos de infecção física e moral.”^{lxvi}

Para Fábio Luz, a propaganda era quase tudo. Tinha poderes de forjar mentes e atitudes anárquicas. E fazer propaganda significava fazer uso da pena, onde quer que fosse possível, para burgueses, operários, intelectuais, etc. Era comum quando escrevia crítica literária, inserir parágrafos dedicados a algum aspecto do pensamento anarquista ou crítica à sociedade capitalista. Mas sem dúvida, o espaço preferido e privilegiado era a imprensa operária e anarquista. Sua perspectiva era de que os libertários deveriam centrar sua esforços na imprensa operária e criar também sua própria imprensa, para fazer frente à imprensa burguesa. Na sua interpretação:

“A imprensa diária, isto é o jornalismo burguês, incorporado ao capitalismo, como indústria e meio de exploração, tem sido um dos maiores obstáculos ao progresso de nossas idéias de liberdade; sempre em mãos de nossos adversários; mentindo ao seu público; deturpando teorias; falsificando verdades, educando seus leitores no fetichismo e na idolatria dos poderosos do dia; em constante adoração ao Deus do ouro, ao serviço sempre da tirania; distante sempre do povo, que somente se toma de amores quando chega a oportunidade de abrir espetaculosas subscrições para obras elegantes de caridade... cristã.”^{lxvii}

Cada vez mais empenhado na educação pela propaganda, em 1923 Fábio Luz chegou a fundar seus próprios periódicos. Eram “A Luta Social” e “Revolução Social”, resultado dos esforços de propaganda do grupo “Os Emancipados”. Era um espaço de declarada guerra textual aos bolchevistas:

“Segundo somos informados, os comunistas pela voz de um célebre caixeiro viajante do Bolchevismo, gritaram, esbravejaram e cuspiram para o ar querendo saber que autoridade preside ao grupo ‘Os Emancipados’ para a contestação de opiniões, pareceres e decretos dos luminares doutrinários e de Salvador Seguí.”^{lxviii}

O objetivo de “Os Emancipados” era fazer dos jornais um espaço de divulgação do comunismo libertário, num momento em que os bolchevistas ganhavam terreno no movimento operário, principalmente em função de orientações do Partido Comunista, organizado em 1922.

O surgimento de “Os Emancipados” era também expressão de uma antiga preocupação e intenção de Fábio Luz em publicar um jornal nitidamente anarquista. Em 1919, 4 anos antes de surgir “A Luta Social” e “Revolução Social”, falou sobre esta questão na “Conferência lida no festival pró Spartacus”, cujo título era: “A Imprensa e o Proletariado”. Nesta conferência, interpreta o significado histórico e o domínio da “filha de Gutenberg” pelos capitalistas, transformando-a em prostituta. Considerava que um invento tão útil havia sido corrompido pelo dinheiro:

“(…) o invento mais poderoso que a bússola, mais conquistador que a pólvora, mais útil ao espírito humano do que o pão ao corpo, caiu nas mãos dos empresários, a filha de Gutenberg, transformada em periodismo, prostituiu-se, começou a educar-se na arte de agredir, na arte venal e corruptora de perverter e envenenar as consciências dos escribas e dos leitores (...)”^{lxi}

Diante de tal realidade, há muito que os anarquistas já cuidavam de sua própria imprensa. Entretanto, Fábio Luz pensava numa imprensa que atingisse as massas, uma imprensa de grande circulação para fazer frente à imprensa burguesa. Na longa conferência em que abordava o assunto e que ocupou três números em grandes espaços do jornal “Spartacus” para ser publicada na íntegra, enfatizava a necessidade desta imprensa aos seus ouvintes. Afirmava que:

“Devemos fundar uma imprensa nossa que elucide o público a respeito das nossas doutrinas, que convença o povo da sublimidade das teorias que pregamos, que eduque as massas no conhecimento perfeito do problema social conforme nossa orientação. É preciso antes de tudo mostrar que o anarquismo é um sistema filosófico de doutrinas baseadas na ciência, e não um código jesuítico e secreto de malfeitores para ser cumprido e observado por malfeitores.”^{lxii}

Entretanto, pelo fato de sua condição social de crítico literário, médico e inspetor escolar, Fábio Luz tinha acesso a mesma imprensa que condenava e considerava inimiga. Usava-se através de críticas literárias e outros artigos, para mostrar que o “anarquismo é um sistema filosófico de doutrinas baseadas na ciência.” Valendo-se de sua condição de crítico literário, fazia de seus textos mais uma oportunidade e um canal de expressão das idéias anarquistas e de crítica à sociedade capitalista. Vale lembrar que nos romances “Ideólogo” e “Os Emancipados”, a imprensa era o principal meio de propaganda do comunismo libertário.

Neste sentido, a necessidade de aquisição do código letrado por parte dos destinatários da propaganda, define a militância de Fábio Luz como marcada pela valorização do saber instituído, da ciência. A ciência e a informação é que garantiam o discernimento, “a educação das massas”. Se o conhecimento científico e o saber letrado fossem apropriados e entendidos pelos dominados de toda sorte, seria um fator de libertação intelectual, isto abriria o caminho para a luta pela anarquia. Por isto, sua preocupação como escritor em atingir com a propaganda nos romances e nos textos de crítica literária a camada letrada da sociedade, e fazer ascender os demais destinatários de sua propaganda ao mundo letrado.

Na condição de escritor que fazia da literatura um meio de expressão dos ideais libertários, talvez enfrentasse maiores dificuldades no mercado editorial que os demais escritores. Ao falar das condições sociais da produção literária na qual se via envolvido, às vezes se sentia discriminado:

“Até já há empresas de publicação de livros de Sociologia, mas que somente sejam comunistas, tendo nas próprias casas editoras consultores, sensores e julgadores, sob cujo imprimatur se fazem edições tendenciosas.”^{lxxi}

Fábio Luz reagia descontente também em relação às demandas da imprensa da época. Expressava uma certa contrariedade e inadequação em relação à velocidade com que o escritor deveria produzir. Eram exigências oriundas dos novos processos técnicos de difusão da palavra impressa, sobretudo a industrialização do jornalismo, ou seja sua modernização técnica. Para Fábio Luz, a aproximação dos escritores da imprensa diária, uma característica que acompanhou este processo de modernização, significava uma degradação da arte literária, mas sobretudo, um impedimento à liberdade de criação do autor:

“O jornalismo torna conhecido o nome do escritor, é certo, mas quase sempre estraga o artista. Ter obrigação de escrever sobre tal assunto que esteja de acordo com os interesses da empresa jornalística e lhe traga proventos pecuniários, contrafazer-se no seu modo de ver, sentir e entender, para olhar somente pelos olhos da caixa da comandita comercial proprietária da folha, é abdicar toda a independência de artista, e abdicar toda a individualidade e embotar toda a sensibilidade estética. O artista que trabalha por encomenda transforma -se em artífice.”^{lxxii}

Os longos textos de crítica literária que compõem a coletânea “Dioramas”, deixam transparecer a resistência do escritor em se adequar aos novos tempos da linguagem ágil e ligeira do periodismo. Sua atitude em relação a este processo era de um escritor preocupado com o aspecto erudito e estético do texto literário e, no seu caso, aliado a função de meio de transmissão de seus ideais libertários e crítica à sociedade.

Fábio Luz buscava retratar em seus escritos a realidade social na qual vivia, que apresentava nos escritos e que pretendia mudar. Fazia de seu texto um meio de educação, de informação e de formação de mentes anárquicas. Porém, a realidade que se lhe apresentava, exigia escritores integrados aos objetivos empresariais dos jornais e editoras. A realidade que Fábio Luz presenciava e resistia em se adequar era fruto do surto de modernização técnica e das formas de difusão da palavra impressa, dos registros sonoros e de imagens, bem como sua relação com a produção literária em fins do século XIX aos anos 20. Era contra a repercussão deste processo no trabalho do escritor que Fábio Luz se batia:

“Estamos atravessando um período fecundo de tentativas industriais da Imprensa, em que os empresários de Revistas Literárias preferem ao aprimorado texto a nitidez da estampa a zinco ou fotogravura. Uma dessas publicações mensais, grande no tamanho, no preço e até no nome de universalidade que adotou com caracteres gregos, impressa em excelente papel lúcido, e notável pela beleza das gravuras, chegou à perfeição de, por intermédio de seus diretores, exigir que a colaboração literária seja apenas pretexto para exibição de provas tipográficas de seus maquinismos aperfeiçoados e sirva de reclamo às oficinas comerciais da empresa litográfica.”^{lxxiii}

Fábio Luz mostrava-se afetado em sua sensibilidade de escritor, com as exigências e pressões que acompanhavam as mudanças que circunscrevem o processo de modernização técnica da palavra impressa. Era a linguagem simples, cotidiana e padronizada a que se deveriam adaptar os escritores. Analisando esta questão das relações entre os escritores, o jornalismo e a literatura, o historiador Nicolau Sevcenko aponta para o fato de que:

“a concorrência do jornalismo desassossejou os literatos mais ciosos da sua seara. O jornalismo, impondo uma vigorosa padronização à linguagem e empregando praticamente todos os homens de letras nas suas redações, acabou necessariamente exercendo um efeito geral negativo sobre a criação artística. Tendendo ao sufocamento da originalidade dos autores e contribuindo em definitivo para o processo de banalização literária, suas baixas remunerações exigiam ainda uma facúndia e prolixidade tal dos escritores, que impediam qualquer preocupação com o apuro da expressão ou do estilo.”^{lxxiv}

Tal situação trouxe para os escritores um dilema. De um lado, adaptar-se às circunstâncias do momento e seguir na direção da profissionalização e remuneração oferecidas pelas empresas jornalísticas, abdicando de certa forma, de seu estilo próprio para satisfazer as exigências da linguagem jornalística. De outro lado, manter a autonomia de pensamento, a individualidade do estilo e correr o risco do isolamento, da indiferença do público. Se houve um meio termo, Fábio Luz parece tê-lo buscado. Conseguia publicar seus textos de crítica literária em jornais e revistas, sem contudo, abrir mão de sua já conhecida propaganda dos ideais anarquistas. Um exemplo é o texto “Ligeiros comentários em torno da obra de Graça Aranha”, publicado na Revista Brasileira. Síntese do Momento Contemporâneo”. Em meio a análise da obra “O meu próprio romance”, do autor de Canaã, Fábio Luz se refere ao fato de Graça Aranha autodenominar-se um “revolucionário” para se posicionar politicamente, afirmando que:

“Como revolucionário devia saber que as revoluções políticas somente mudam as posições de mando, fazendo-se para conservar o existente sob novas denominações, sem nada renovar nem reconstruir sobre bases novas. A revolução social somente se consegue por longas etapas de educação das massas; não sendo assim continuará o domínio do mais forte e a opressão tirânica por parte dos que conquistarem o poder pela força bruta das armas, como irrefragável afirmação da mentalidade burguesa: o direito é a força.”^{lxxv}

O leitor das críticas literárias de Fábio Luz certamente já estava acostumado com o estilo do autor. Afinal ele construiu seu nome no meio literário firmado no princípio de que a literatura e o escritor cumpriam importante papel social de promover esclarecimento político ao leitor. No seu caso, iluminar os caminhos para a anarquia.

Fábio Luz dedicou 35 anos de sua vida a ser um anarquista e a fazer propaganda do anarquismo, como médico, escritor, educador, enfim como cidadão. Desde 1903, quando estreou sua pena em “Ideólogo”, registrado como um dos primeiros romances sociais no Brasil pela história literária, até 1938, quando morre, foram 35 anos dedicados à anarquia. Levava aos mais diferentes grupos, pessoas e classes sociais, os ideais de uma sociedade sem autoridade, sem governo, sem leis onde reinaria a liberdade e a igualdade, era nisto que acreditava.

Fábio Luz era um otimista incorrigível. Fazia questão de mostrar-se assim. Em um artigo literário, onde analisa a obra “Os três irmãos siamezes” do escritor Veiga Miranda, nos dá um exemplo de seu otimismo em relação a aceitação dos ideais anarquistas:

“Há passagens, idéias e teorias, no livro, de fundo verdadeiramente libertário, não só em referências à economia, como também à moral social. Isso indica que as idéias ácratas e a moral anarquista, sem que o queiram e muitas vezes, sem que o saibam, vai penetrando fundamentalmente nos espíritos, fazendo adeptos até entre os escritores, políticos republicanos, que como Veiga Miranda, passando pelos cargos altos de secretário de Estado, saem desiludidos das bondades do regime, que se anuncia como único capaz de fazer a felicidade do povo.”^{lxxvi}

A sinuosa trilha de Fábio Luz, registrada e acompanhada até aqui, através das páginas de sua volumosa produção literária, no sentido amplo, evidencia seus esforços em difundir os ideais de liberdade, na perspectiva anarquista. Talvez um dos últimos lances de sua trajetória tenha sido sua entrada para a Academia Carioca de Letras.

Ambiente de feição conservadora, como costumam ser as academias literárias, a ACL recebia em seus quadros em 1934, um rebelde de longa caminhada, que chegava para mais um lance de rebeldia. Aos 70 anos, aposentado da atividade de Inspetor Escolar e, possivelmente não mais atendendo em seu consultório médico, com os 5 filhos adultos e formados, Fábio Luz se apresentava para mais uma batalha, junto à intelectualidade da Academia Carioca de Letras. O que poderia ser o descanso do guerreiro, tornou-se mais uma frente de batalha. Para Fábio Luz qualquer lugar e qualquer momento, se houvesse platéia, haveria propaganda dos ideais anarquistas. Para os acadêmicos da ACL dizia que:

“Até hoje não me alistara em cenáculos literários, a não ser como correspondente, em virtude da filosofia que adotei e cultivo, contrária a todas as florações da desorganização social vigente, instituições todas baseadas na desigualdade, tendentes a manter sempre, classes, hierarquias, regimes governamentais, com suas injustiças e crueldades. (...) a propriedade e a autoridade, resumidas no Estado são os maiores inimigos da felicidade dos homens, verdadeiros males sociais, piores que do que seus congêneres, já classificado como doenças sociais – o alcoolismo, a sífilis e a tuberculose”.^{lxxvii}

Fábio Luz, aos 70 anos, mantinha o vigor de suas convicções anarquistas, os anos da militância solidificara seus ideais. Fez da ocasião de sua recepção na ACL, um longo e contundente discurso. Explicitou sua preocupação em que sua atitude não fosse interpretada como abandono dos ideais libertários. Deixava claro, de maneira incisiva, que não seria um membro como os outros. Era a sua condição de militante anarquista que faria a diferença:

“Para manter a dignidade desta casa e talvez para honrar-me com sua apreciação, meu ilustre paraninfo teve o insano trabalho de enfronhar-se em minha apocada literatura. Esta cadeira, em que me fizeste assentar, é para mim um leito de Procusto e se me antolha como cadeira elétrica, mas onde não se obumbrará minha personalidade literária, libérrima, de anarquista. Refratário que sou a regulamentos, códigos, constituições, serei um mau companheiro, insubordinado, não consentindo que minha individualidade seja absorvida pela função coletiva da academia.”^{lxxviii}

Antes de ingressar na ACL, Fábio Luz escreveu em 1933 um texto onde narra sua trajetória. Publicado por Edgar Rodrigues no livro “Os Libertários”, com o título “Testamento Libertário de Fábio Luz”, o pesquisador informa que Fábio Luz escreveu este texto para ser publicado após sua morte. Coube ao escritor anarquista argentino Campio Carpio, amigo de Fábio Luz e de quem recebeu o texto, publicá-lo. Como Fábio Luz morreu em 1938, pouco antes da 2ª Guerra, o texto só foi publicado em 1948, pela primeira vez, no periódico “Inquietudes”, do México.

O gesto de Fábio Luz faz lembrar sua afirmação de que “a história é sempre contada à feição dos governantes ou ao sabor das preferências do historiador”. Firmado nesta interpretação do trabalho do historiador, Fábio Luz fez questão de deixar sua própria narrativa sobre sua trajetória no movimento anarquista.

De certo modo, o gesto de Fábio Luz não deu o resultado desejado. Ao que parece, o seu “testamento” ficou na obscuridade. Em 1951, 13 anos após sua morte, foi publicado “Manuscrito de Helena”. Após a “Apresentação” da novela, feita por Fábio Luz Filho, há trechos de homenagens feitas por escritores contemporâneos a Fábio Luz, na Academia Carioca de Letras, bem como uma pequena biografia de Fábio Luz, escrita por Leôncio Correia, um grande amigo e também membro da ACL.

A leitura desses textos chama a atenção pelo fato de que a imagem que se buscou fixar de Fábio Luz nestes textos está excluída, totalmente, da militância anarquista. Trata-se de uma “história oficial” da vida de Fábio Luz. A memória e a imagem que sobressaem nas falas daqueles que conviveram com Fábio é a do médico humanitário, do escritor de talento. Nas palavras do filho, “um esteta, educador, sociólogo e pensador”. Para o filho, o pai era “combativo, polemista, agudo psicólogo, sempre honrou e prezou, como poucos, sua qualidade de artista, de sociólogo e de educador”.

Ao leitor desavisado, é impossível perceber que o Fábio Luz que aparece no “testamento libertário” é o mesmo que aparece no “Manuscrito de Helena”. No primeiro texto são narradas as lutas e propagandas enfrentadas por Fábio Luz e outros anarquistas, nas primeiras décadas do século. O envolvimento com a Universidade Popular, o surgimento do grupo “Os Emancipados”, dos jornais “A Luta Social” e “Revolução Social”, as palestras e conferências, etc. Nada disto aparece nos textos que antecedem a novela “Manuscrito de Helena”.

Isto também aconteceu na grande imprensa, quando noticiaram a morte de Fábio Luz. Determinado jornal estampou a seguinte manchete: “Desaparece um grande vulto da medicina e das letras”. No jornal “O Globo”, ao se fornecerem “rápidos dados biográficos do conhecido clínico e escritor”, dizia-se que “além de médico, Fábio Luz era escritor apreciado por uns e combatido por outros (...) Tornou-se muito conhecido pelos seus gestos humanitários nos socorros aos doentes pobres.”^{lxxix}

Entretanto, será Souza Passos, um cronista, contista e teatrólogo anarquista, uma voz a registrar a trajetória de Fábio Luz, além de desmascarar a imagem construída pela imprensa, onde se omite o lado militante do anarquista. Neste sentido Souza Passos esclarece:

“A imprensa burguesa escondeu calculadamente, nos seus comentários, quando noticiou a morte de Fábio Luz, a parte mais importante da vida do autor de ‘Os Emancipados’, o seu ideal, a confiança, o otimismo, a convicção das suas concepções revolucionárias, o seu anarquismo. Sim, porque Fábio Luz escrevia as suas novelas, os seus contos, os seus estudos de crítica, inspirado nos princípios da solidariedade humana, baseado na concepção da humanidade livre, senhora dos seus destinos, vivendo para o amor, para a arte, para a beleza ideal da liberdade e do trabalho sem exploradores. Era assim que Fábio Luz concebia a vida, porque Fábio Luz era anarquista.”^{lxxx}

Além do “testamento”, outro gesto de Fábio Luz evidencia sua preocupação em deixar registrada sua história. É o fato de que entre 1930 e 1933 ele doou ao Arquivo Nacional, farto material de correspondência recebida entre o final do século passado e 1933. São cartas, postais, cartões de visita, poesias, fotografias, recortes de jornais sobre

crítica literária, etc. Entre os remetentes encontram-se personagens ilustres do movimento anarquista e do meio literário, como por exemplo Lima Barreto e Oswald de Andrade. Entre os anarquistas, Edgard Leuenroth, Rodolf Felipe, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Isabel Cerruti, etc.

Fábio Luz dizia ter sempre vivido “no retraimento e na obscuridade”. Tentei em algumas páginas conferir-lhe uma oportunidade de expressar sua caminhada libertária, apoiando-me nos registros que deixou. Se a posteridade não lhe conferiu um lugar de fama e popularidade, no âmbito da literatura, talvez tenha sido em função de seu espírito rebelde que não se adequava aos cânones literários. Certamente que entre os anarquistas, ele nunca esteve na obscuridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito do movimento anarquista, nas primeiras décadas do século, a propaganda dos ideais libertários na trajetória de Fábio Luz, se dava como uma voz dissonante em dois sentidos. Primeiro pelo fato de ter acesso aos mais diferentes meios de divulgação de suas idéias, eram revistas, jornais e livros de circulação entre a elite letrada, além da imprensa operária. Isto o diferenciava dos militantes anônimos, que não dispunham dos mesmos veículos e da mesma respeitabilidade conferida a Fábio Luz. Segundo, porque o modo como pensava a prática sindical, como se envolvia neste meio, interpretava a realidade, diferia significativamente da perspectiva historiográfica que buscou o visível, a atuação dos anarquistas no movimento operário. No caso de Fábio Luz, o que se buscou aqui, aponta para o difuso, o ambíguo, a movimentação, os fragmentos de sua militância. Olhar para o passado e tentar recompô-lo em algumas páginas, implica selecionar flashes que nem sempre aparecem com nitidez.

NOTAS

Apresentação

ⁱ A referência completa das obras citadas neste parágrafo é a seguinte: FAUSTO, B. Trabalho urbano e Conflito Social. São Paulo, Difel, 1976. DULLES, J. W. F. Anarquistas e comunistas no Brasil. 1900-1935. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. HARDMAN, F. F. Nem Pátria Nem Patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo, Brasiliens, 1983. LUIZZETTO, F. V. Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional (1900-1920). Tese de Doutorado em História, FFCH/USP, 1984.

ⁱⁱ RODRIGUES, Edgard. “Os Libertários: idéias e experiências anárquicas”. Petrópolis, Vozes, 1988. “O anarquismo na escola, no teatro, na poesia”. Rio de Janeiro, Achiamé, 1992, e “Os Libertários”. Rio de Janeiro, VRJ Editores, 1993.

ⁱⁱⁱ LUZ, Fábio. Manuscrito de Helena. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Ed., 1951, p.171-172.

^{iv} HARDMAN, F. F. op. cit.

^v LUIZZETTO, F. V. op. cit.

^{vi} SFERRA, G. Anarquismo e Anarcossindicalismo. São Paulo, Ática, 1987.

^{vii} KHOURY, Y. M. Edgard Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, Memória e Militância Anarco-sindicalista. Tese de Doutorado em História. FFLCH/USP, 1988.

^{viii} A referência completa das obras citadas neste parágrafo é a seguinte: SEVCENKO, N. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1989. NEEDELL, J. D. Belle Époque Tropical. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. SUSSEKIND, F. Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

Capítulo I

^{ix} “O Testamento Libertário de Fábio Luz” in: RODRIGUES, Edgard. “Os Libertários”. Op. cit. p.209.

-
- ^x Cf. SODRÉ, N. V. "História da Imprensa no Brasil". Rio de Janeiro, José Olympio. Brasília, INL, 1975, p.61.
- ^{xi} In: SUSSEKIND, F. "As Revistas do Ano e a invenção do Rio de Janeiro". Nova Fronteira, 1986, p.275.
- ^{xii} Cf. NEEDELL, J. D. op. cit.
- ^{xiii} Cf. SODRÉ. Op. cit. p.60.
- ^{xiv} Contrato entre Fábio Luz e H. Garnier, 1 pág. Museu de Literatura da Casa de Rui Barbosa.
- ^{xv} LUZ, FÁBIO. "HIPNOTISMO E LIVRE ARBITRÍO". Tese Para o Doutorado. Bahia, Tipografia de João Gonçalves Tourinho. 1988 p.25.
- ^{xvi} Correia, L. "Dados Biográficos e Bibliográficos sobre o Dr. Fábio Luz". In: "Manuscrito de Helena", op. cit. p.153.
- ^{xvii} Cf. LUZ, F. "Dioramas". Rio de Janeiro, Ravaro, p.121. Woodcock, G. "Anarquismo. Uma história das idéias e movimentos libertários. Vol. I. Rio de Janeiro. LPM, 1983, pág.185.
- ^{xviii} Cf. ARVON, H. "El Anarquismo en el siglo XX". Madri, Taurus, 1979, pp.62,63.
- ^{xix} Trecho de "O Apoio Mútuo" de Kropotkin. Citação de Fábio Luz em "A Obra de Pedro Kropotkin". "DIORAMAS", op. cit., pág. 125.
- ^{xx} "Dioramas", op. cit. p.132.
- ^{xxi} "O Bibliógrafo" No. 4 Ano II Out. 1931, Rio de Janeiro, p.51.
- ^{xxii} LUZ, Fábio. "Ideólogo". Rio de Janeiro, Altina, 1903, p.111.
- ^{xxiii} "Ideólogo", p.25 e 26.
- ^{xxiv} Idem, p.185.
- ^{xxv} Idem, pp. 114/115.
- ^{xxvi} Idem, p. 125.
- ^{xxvii} Idem, p.130.
- ^{xxviii} Idem, p.24.
- ^{xxix} SEVCENKO, N. "O Fardo do Homem Culto". In: Revista de Cultura Vozes no. 9, nov/1980, p.
- ^{xxx} RODRIGUES, Edgard. "Os Libertários". Op. cit., VJR Editor. ANEXO IV, Documento I "Testamento Libertário de Fábio Luz", pág.208.
- ^{xxxi} "Ideólogo", op. cit. p.43/44.
- ^{xxxii} CARVALHO, E. de. "História de um Cérebro". Rio de Janeiro, Tipografia Besnard Freres, 1905, pp.9/10.
- ^{xxxiii} Discurso proferido por Fábio Luz na inauguração da Universidade Popular, in: CARONE, E. "Movimento Operário no Brasil (1897-1914)". Rio de Janeiro, DIFEL, 1979, p.43.
- ^{xxxiv} Idem, pág. 42.
- ^{xxxv} Idem, pág. 43.
- ^{xxxvi} In RODRIGUES, E. Op. cit. pág. 210.
- ^{xxxvii} SEVCENKO, N. "Literatura como Missão". São Paulo, Brasiliense, 1983, pág. 52.
- ^{xxxviii} "Ideólogo". Op. cit. pág. 25.
- ^{xxxix} LUZ, Fábio. "Os Emancipados". Lisboa, Livraria Clássica, pág. 152.
- ^{xl} Idem, págs. 153/154.
- ^{xli} Idem, pág. 149.
- ^{xlii} Idem, pág. 203, 204, 205.

-
- xliii Idem, pág. 206.
- xliv Idem, págs. 225/226.
- xlv LUIZZETTO, F. “Letras Rebeldes: escritores brasileiros e o anarquismo no início do período republicano”. In: Teoria e pesquisa no 3. Departamento de Ciências Sociais da UFSCar. Dez. 1992, pág. 35.
- xlvi LUZ, Fábio. “DIORAMAS”. Op. cit. pág. 16.
- xlvii LUZ, F. “Ensaio”. Rio de Janeiro, Tip. São Benedito, 1930, págs. 36/37.
- xlviii LUZ, F. “Nunca...” Rio de Janeiro, Liv. e Edit. Leite Ribeiro, 1924.
- xlix Idem, págs. 76, 77.
- ¹ LUZ, F. “A paisagem no conto, na novela e no romance”. São Paulo, Monteiro Lobato e Cia., 1922, pág. 224.
- ⁱⁱ In: DULLES, J. W. F. “Anarquistas e Comunistas no Brasil 1900-1935”. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, págs. 187^a 188.
- ⁱⁱⁱ LUZ, F. “Nós e os Outros (conferência lida no Festival da “A Plebe” em 12 de agosto de 1922). Edição da Biblioteca Social A Inovadora São Paulo, 1922.
- ⁱⁱⁱⁱ FAUSTO, B. Op. cit. pág. 95.
- ^{liv} HARDMAN, F. Op. cit. pág. 118.
- ^{lv} Idem, pág. 116.
- ^{lvi} “A Vida”, periódico anarquista. Edição Fac-similar. São Paulo, Ícone, 1988. Ano I no. 1, nov.1914, pp. 2,3.
- ^{lvii} Idem, pág. 8.

Capítulo II

- ^{lviii} Fábio Luz citado em: LUZ FILHO, Fábio. “Cooperativas Escolares”. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Economia Rural. 1960, pág. 139.
- ^{lix} KHOURY, Y. M. Op. cit. pág. 1888.
- ^{lx} Revolução Social no. 2 de junho de 1923.
- ^{lxi} Idem.
- ^{lxii} SPARTACUS (RJ) Ano I no. 4/10/19, pág. 2.
- ^{lxiii} SFERRA, G. Op. cit., pág. 23.
- ^{lxiv} In: MAGNANI, S. L. “O Movimento Anarquista em São Paulo”. São Paulo, Brasiliense, 1982, pág. 84.
- ^{lxv} Revolução Social no. 2 jun. de 1923.
- ^{lxvi} “Nós e os Outros”. Op. cit. pág. 13.
- ^{lxvii} SPARTACUS, Ano I, no. 2, 9/8/1919.
- ^{lxviii} Revolução Social, 1/8/1923, pág. 4.
- ^{lxix} SPARTACUS, Ano I, no. 3, pág. 4.
- ^{lxx} Idem.
- ^{lxxi} “Dioramas”. Op. cit., pág. 74.
- ^{lxxii} Idem, pág. 72.
- ^{lxxiii} Idem, pág. 56.
- ^{lxxiv} SEVCENKO. Op. cit., pág. 100.

-
- ^{lxxv} LUZ, F. “Ligeiros comentários em torno da obra de Graça Aranha”. Revista Brasileira. Síntese do momento contemporâneo. Rio de Janeiro, s/d, pág. 213.
- ^{lxxvi} LUZ, F. “Ensaio”. Op. cit., pág. 46.
- ^{lxxvii} “Palestra lida por Fábio Luz na Academia Carioca de Letras em 8 de janeiro de 1935”. In: Revista Brasileira. Síntese do Momento Contemporâneo, no. 6, Rio de Janeiro, 1935, pág. 214.
- ^{lxxviii} Idem, pág. 214.
- ^{lxxix} O Globo, 10/05/1938, A Nota, maio/1938, Correio da Manhã, 30/7/64.
- ^{lxxx} In: RODRIGUES, E. “Os Libertários”. Anexo IV, Documento 2: “A Morte de Fábio Luz”, pág. 215.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Livros

- LUZ, Fábio. Ideólogo. Rio de Janeiro, Altina, 1903.
1906. Os Emancipados. Lisboa, Livraria Clássica Editora, A M. Teixeira e Cia,
- Elias Barrão e Xica Maria. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1915.
- Memórias de Joãozinho. Rio de Janeiro, Tip. Pap. Aguiar, 1917.
- A paisagem no conto, na novela e no romance. São Paulo, Monteiro Lobato e Cia, 1922.
- Nunca: O Soldado e Cânticos da Aurora e do Crepúsculo. Rio de Janeiro, Leite e Ribeiro, 1924.
- Leituras de Ilka e Alba. Rio de Janeiro, Francisco Alves, & 5ª Edição corrida, 1926.
- Ensaio. Rio de Janeiro, Tipografia São Benedito, 1930.
- Dioramas. Rio de Janeiro, Ravaro, 1934.
- Manuscrito de Helena. Rio de Janeiro, Gráf. Olímpico Editora, 1951.

Artigos e Folhetos

- “Nota à margem” – NA BARRICADA I no. 16.
- “Carta Aberta aos Camaradas” – SPARTACUS I no. 10.
- “Carta Aberta aos Camaradas do Centro Operário Natalense” Revolução Social no 2
- “Elysio de Carvalho”- Almanaque Garnier 1907
- “Infantilidades do ‘Astrogildo’” VOZ DA UNIÃO Ano 1 no 8
- “Ligeiros Comentários à Preparação Socialista de Almachio Diniz. A PLEBE 16/02/1935.
- “No seu papel” Revolução Social no 2 junho 1923.
- “Pontos nos ii” SPARTACUS Ano I nº 10 4/10/1919
- “Comunismo Libertário” A PLEBE 13/10/1934
- “Sociologia Soviética” A PLEBE 13/10/1935
- “Eugene Régis e o Pacifismo” A PLEBE 28/03/1934

Palestras e Conferências

“A Bahia Renovada” (Conferência da série Problemas Culturais Econômicos e Sociais do Norte, realizada na União do Norte pelo Dr. Fábio Luz) in: “manuscrito de Helena”. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpico Editora, 1951 págs. 141-151.

“Considerações em torno de ‘Religiões Comparadas’. Conferência pronunciada em agosto de 1930 no salão da Sociedade de Geografia”, in: Ensaios. Rio de Janeiro, Tip. São Benedito, 1930, págs. 5-29.

“Nós e os Outros (conferência lida no festival da “A Plebe” em 12 de agosto de 1922 Edição da Biblioteca Social”, A Inovadora. São Paulo, 1922.

“Palestra lida por Fábio Luz na Academia Carioca de Letras em 8 de janeiro de 1935”. In: Revista Brasileira no 6, Rio de Janeiro, 1935.

“A Imprensa e o Proletariado” (conferência lida no festival pró Spártacus”, in: Spártacus ano I no 2, 9/8/1919 e ano I, no 3, pág. 4.

“No seu papel...”, trecho de conferência a ser lida em São Paulo in: A Revolução Social, 1/8/1923, pág. 4.

Discurso proferido na inauguração da “Universidade Popular” in: CARONE, Edgard. Movimento Operário no Brasil (1897-1914). Rio de Janeiro. DIFEL, 1979, p. 43-44.

“Castro Alves. Mulher Inspiradora e Poeta Anunciador”. Palestra lida em sessão de Academia Carioca de Letras. In: Manuscrito de Helena”. Rio de Janeiro. Gráfica Olímpica Editora, 1951, págs. 111-120.

“Trechos da Conferência que realizou em 29 de agosto de 1912 na Escola Riachuelo do Distrito Federal” in: LUZ FILHO, Fábio. Cooperativas Escolares. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Economia Rural. 1960 págs. 127-128.

“Mensagens de Fábio Luz em 1895, ao fundar a primeira Caixa Escolar” in: Luz FILHO, Fábio. Cooperativas Escolares, Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Economia Rural, 1960, págs 127-128.

Jornais e Revistas

“SPÁRTACUS” 1919

“ALMANAQUE GARNIER PARA O ANO DE 1907”

“A PLEBE” 1922, 1923, 1934, 1935

“A REVOLUÇÃO” 1923

“A VOZ DA UNIÃO” 1922

“NA BARRICADA” 1915

“REVISTA BRASILEIRA- SÍNTESE DO MOMENTO CONTEMPORÂNEO”

“REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA BAHIA”
“A VIDA- PERIÓDICO ANARQUISTA”
“O BIBLIÓGRAFO” BOLETIM DE INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS 1930-
1931
“PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

Bibliografia

- ARVON, Henri. El anarquismo en el siglo XX. Madri, Taurus, 1979.
- BAKUNIN, M. Escritos contra Marx. Brasília, Novos Tempos, 1989.
- BARBOSA, F. A. A vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- BENJAMIN, W. O Narrador in: Obras Escolhidas, vol I, São Paulo, Brasiliense, 1993.
- BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo, Cultrixm, 1975.
- CADERNOS AEL. Operários e anarquistas fazendo teatro. Campinas, Centro de pesquisa e Documentações Social, 1992.
- CAMPO, C.H. O sonhar libertário. Campinas, Pontes, 1988.
- CÂNDIDO, A. Literatura e sociedade. São Paulo, Nacional, 1973, Formação da Literatura Brasileira. São Paulo, M. Fontes.
- CRUZ, Heloísa de Faria. Na cidade, sobre a cidade. Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana, SP 1890-1915. Doutorado em História, FFLCH/USP, 1994.
- DAYIS, N.Z. Culturas do povo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- DUARTE, R.H.A. A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo. Campinas, Pontes, 1991.
- DULLES, J.W.F. Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- FAUSTO, B. Trabalho urbano e conflito social. São Paulo, Difel, 1976.
- FENELON, D.R. Trabalho, cultura e história social. Revista Projeto História, São Paulo, EDUC, (4) Jun. 1984.
- FERREIRA, M. N. A imprensa Operária no Brasil, 1880-1920, Petrópolis, Vozes, 1978.
- GUERIN, D. Anarquismo. Rio de Janeiro, Germinal, 1968.
- HARDMAN, F. F. Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- _____. Palavra de ouro, cidade de palha (literatura anarquista) in: SCHUWARZ, R), (org.) Os pobres na literatura brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- _____. Poeira das barricadas: notas sobre a comunidade anárquica. In: NOVAES, A. (org.) O desejo. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- HOOWITZ, L. Los anarquistas. Madri, Alianza Editorial, 1982.
- KHOURY, Y.M.A. A poesia anarquista, in: Revista Brasileira de História. São Paulo, Marco Zero v. 8, no 15 set/87-fev/88.
- KHOURY, Yara Maria. Edgard Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, memória e militância anarco-sindicalista. Tese de Doutorado em História, FFLCH/USP, 1988.
- KROPOTKIN, P.A. A questão social (o anarquismo em face da ciência). São Paulo, Editorial Paulista s/d.

-
- LEITE, M.L.M. Quem foi Maria Lacerda de Moura? In: Educação e Sociedade 2. São Paulo, 1979.
- LEITE, Mirian L.M. Caminhos de Maria Lacerda de Moura. (contribuição à história do feminismo no Brasil). FFLCH/USP, Doutorado em História, 1983.
- LEUENROTH, E. Anarquismo: roteiro de libertação social. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1962.
- LUIZZETO, F.V. Cultura e educação libertária no Brasil, in: Educação e Sociedade no 12 São Paulo, Cortez, 1982.
- LUIZZETO, F.V. Presença do Anarquismo no Brasil: em estudo dos episódios literários e educacional (1900-1920), tese de Doutorado em História FFLCH/USP 1984
- O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna no 1 (1912-1919) in: Educação e Sociedade, no 24, São Paulo, Cortez, ago/1986.
- Letras Rebeldes: escritores brasileiros e o anarquismo no início do período republicano. In: Teoria e pesquisa. U. F. de São Carlos, Departamento de Ciências Sociais, dez. 1992.
- Utopias anarquistas. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- MAGALHAES, Jr. A vida vertiginosa de João do Rio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL, 1978.
- MAGNANI, S. O movimento anarquista em São Paulo, São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MALLARD, Leticia. et alli. História da Literatura. Ensaios. Campinas, Editora da UNICAMP, 1994.
- MARAN, L. S. La anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro 1890-1920. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- MUELLER, Helena Isabel. Flores aos rebeldes que falharam. Giovanni Rossi e a utopia libertária: Colônia Cecília. FFLCH/USP, Doutorado em História, 1989.
- NETTLAU, Max. La anarquia através de los tiempos. Barcelona, Júcar, 1977.
- OITICICA, J. Ação direta. Rio de Janeiro, Germinal, s/d.
- A doutrina anarquista ao alcance de todos. São Paulo, Econômica Editorial, 1983.
- PRADO, A A e HARDMAN, F. F. (orgs.) Contos anarquistas. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- RAGO, L. M. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- RAGO, L. M. “Sem fé, sem lei, sem rei. Liberalismo e experiência anarquista na república”. Mestrado em história. UNICAMP, 1984.
- RECLUS, J. J. E. Evolução e ideal anarquista.
- RESZLER, André. La estética anarquista. México, Fundo de Cultura Econômica, 1974.
- RODRIGUES, E. O anarquismo na escola, no teatro, na poesia. Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.
- _____. Os libertários. R. J., VJR Editores, 1993.
- SANTANA, M. M. Elísio de Carvalho: um militante do anarquismo. Maceió, Arquivo de Alagoas, 1982.
- SEVCENKO, N. O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano. In: Revista de Cultura Vozes, no. 09 novembro de 1980.
- Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- SFERRA, G. Anarquismo e Anarco-sindicalismo. São Paulo, Brasiliense, 1987.

SILVA, M. A. O trabalho da linguagem. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, Marco Zero, v. 6 no. 11 set/85, fev/86.

SÜSSEKIND, Flora. As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro. RJ. Nova Fronteira, 1986.

Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnicas e Modernização no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

THOMPSON, E. P. Miséria da Teoria. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

A formação da classe operária na Inglaterra, 1770-1832. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

TRAGTENBERG, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. in: Educação e sociedade. São Paulo, Cortez, set. 1978.

VIEIRA, M. P. et alli. A pesquisa em história. São Paulo, Ática.

WILLIAMS, R. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WOODCOCK, G. Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários. 2 vol. Porto Alegre, LPM, 1984.

Os grandes escritos anarquistas. Porto Alegre, LPM, 1986.